



MONOGRAFIA  
DA **REGIÃO**  
DE **CACHEU**

**GUINÉ-BISSAU**



**Título original**

Monographie de la région de Cacheu - Guinée-Bissau

**Créditos das fotos**

©JB RUSSEL - [www.jbrusselimages.com](http://www.jbrusselimages.com), exceto indicação em contrário

**Autor**

Publicação coordenada pelo Grdr ([www.grdr.org](http://www.grdr.org)) em colaboração com o Governo Regional e o Gabinete de Planificação de Cacheu

Maio de 2018

**ISBN 979-10-95026-05-1**

**Tradução**

Julia de França Attenot

**Design Gráfico**

By Reg' [www.designbyreg.dphoto.com](http://www.designbyreg.dphoto.com)

**Impressão**

La Rochette - Dakar



MONOGRAFIA  
DA **REGIÃO**  
**DE CACHEU**

**GUINÉ-BISSAU**



REPÚBLICA DA  
GUINÉ-BISSAU

## Ministério da Administração Territorial Governo Regional de Cacheu – Gabinete do Governador

### PREFÁCIO

Constata-se pouco espaço sobre a actualidade da Guiné Bissau nos órgãos de comunicação internacionais, nos quais se priorizam mais os relatos das consequências da instabilidade política que prevalece no país há vinte anos, explicando sobretudo pontos negativos do nosso país. Enfim, essas informações ficam alojadas nas pessoas que nunca tiveram oportunidade de cá visitar.

Esta conclusão é extensiva a todos os territórios regionais do país e, em particular, esta magnífica região de Cacheu, “a Terra dos Obreiros do além-mar”.

E, falando desta Região, objecto do presente trabalho, importa enaltecer fundamentalmente as relações e dinâmicas social, demográfica e económica, sua posição geográfica original, fazendo interface triangular entre o Oceano Atlântico e dois pólos urbanos do litoral como a Cidade de Bissau e a de Ziguinchor. A importância natural, ecológica e ambiental de tarrafes, cuja extensão se afigura das maiores do espaço CEDEAO, conjugada com as indispensáveis acções da sua diáspora, da sociedade civil organizada e, sobretudo, atitude positiva dos habitantes da região em coabitar, colaborar e conviver em paz, fazendo elevar a sua capacidade de gerir de maneira racional e sustentável os diversos e riquíssimos recursos do território.

Convicto e motivado pela necessidade de veicular e disseminar um outro ponto de vista, mais positivo e mais consentâneo à realidade social, produtiva e económica da Região de Cacheu, o Governo Regional, através do seu Gabinete de Planificação associou-se em 2013 ao Grdr, para que, no quadro de colaboração institucional, desenhar e implementar o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Territorial na região de Cacheu (PADETEC) e, no âmbito do qual se produziu a presente monografia.

Esta monografia é o fruto dum trabalho conduzido pelos actores da sociedade civil em colaboração com os serviços desconcentrados do estado, que conseguiram através de um diagnóstico concertado, identificar e estabelecer de forma estruturada a situação dos três sectores prioritários para território: a saúde, educação e agricultura. Ao mesmo tempo, foi identificado um panorama das principais tendências demográficas e económicas para melhor dar resposta aos desafios sectoriais no contexto do território.

É importante sublinhar que este trabalho não pretende ser exaustivo mas, mas demonstrativo das qualidades positivas da Região, contribuindo para dar melhor visibilidade das suas potencialidades naturais e humanas, assim como a sua beleza natural, as ameaças e riscos ambientais e servir de base de informação para os diferentes actores sociais e de apoio ao desenvolvimento que intervêm na região.

O governador e o gabinete regional agradecem aos actores que participaram neste trabalho, em particular realce para UE, AFD, CCFD-TS, CFSI que co-financiaram o PADETEC. Agradece-se também os actores mobilizados no levantamento dos dados e na restituição de informações, nomeadamente, os delegados regionais dos ministérios, ONG's, estudantes estagiários, consultores, etc.

**“Não há ventos favoráveis para quem não sabe  
de onde vem e para onde vai”**

Justino Caroné Gomes  
Governador da Região



## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi publicado no quadro do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Territorial da Região de Cacheu (PADETEC) e PGCEL com o apoio financeiro da Comissão Europeia, da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Fundação Abbé-Pierre, do CCFD-Terre Solidaire e do CFSI.

O Grdr, coordenador do trabalho, agradece às autoridades da Região de Cacheu, assim como às entidades financiadoras.

Um agradecimento especial também deve ser feito aos diferentes contribuidores: membros das comissões temáticas, consultores e estagiários.

Com o apoio de



### Avisos

O conteúdo do presente trabalho é de responsabilidade exclusiva dos seus autores. O Grdr e as partes envolvidas, mencionadas neste documento, não garantem que os dados, designações ou fronteiras que aparecem nos mapas estejam isentos de erros e não assumem, em nenhum caso, a sua responsabilidade ou aprovação.

## ABREVIACÕES

<b>AD</b>	Agência de Desenvolvimento	<b>INPA</b>	Instituto Nacional de Pesquisa Agrária
<b>ADPP</b>	Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo	<b>MFDC</b>	Movimento das Forças Democráticas da Casamance
<b>ADVC</b>	Associação pelo Desenvolvimento da Tabanca de Caió	<b>MICS</b>	Multiple Indicator Cluster Survey
<b>AFD</b>	Agência Francesa de Desenvolvimento	<b>OCB</b>	Organização Comunitária de Base
<b>AGUIBEF</b>	Associação Guineense pelo Bem-estar Familiar	<b>OIM</b>	Organização Internacional para as Migrações
<b>ANAG</b>	Associação Nacional dos Agricultores da Guiné-Bissau	<b>ONG</b>	Organização Não-Governamental
<b>BM</b>	Banco Mundial	<b>OSC</b>	Organização da Sociedade Civil
<b>CEDEAO</b>	Comunidade Económica dos Estados da África do Oeste	<b>PADETEC</b>	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Territorial da Região de Cacheu
<b>CFSI</b>	Comité Francês pela Solidariedade Internacional	<b>PAIGC</b>	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
<b>COAJQ</b>	Cooperativa Agropecuária de Jovens Quadros	<b>PAJEF</b>	Programa de Apoio às Iniciativas dos Jovens e Mulheres da Região de Cacheu
<b>CONGAI/SRC</b>	Confederação das Organizações Não-governamentais e Associações Intervenientes ao Sul do Rio Cacheu	<b>PAN/LCD</b>	Programa de Ação de Luta Contra a Desertificação na Guiné-Bissau
<b>DACAQOC</b>	Projeto de Apoio à Diversificação Agrícola e ao Desenvolvimento de uma Oferta de Castanha de Caju de Qualidade nas Regiões de Oio e Cacheu	<b>PGCEL</b>	Programa pela Governação Concertada do Litoral
<b>FAO</b>	Food and Agriculture Organization	<b>PNTC</b>	Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu
<b>FAP</b>	Fundação Abbé Pierre	<b>PNUD</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
<b>FEC</b>	Fundação Fé e Cooperação	<b>RGPH</b>	Recenseamento Geral da População e Habitação
<b>FLAME</b>	Freedom Life African Ministries Emmanuel	<b>SOGUIBA</b>	Solidariedade com a Guiné-Bissau
<b>FMI</b>	Fundo Monetário Internacional	<b>UASZ</b>	Universidade Assane Seck de Ziguinchor
<b>GRDR</b>	Grupo de Investigação e de Realização para o Desenvolvimento Rural	<b>UE</b>	União Europeia
<b>HCR</b>	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados	<b>UEMOA</b>	União Económica e Monetária Oeste-Africana
<b>IBAP</b>	Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas	<b>UICN</b>	União Internacional pela Conservação da Natureza
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau	<b>UNFPA</b>	Fundo das Nações Unidas para a População
		<b>UNICEF</b>	Fundo das Nações Unidas para a Infância
		<b>VIDA</b>	Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano

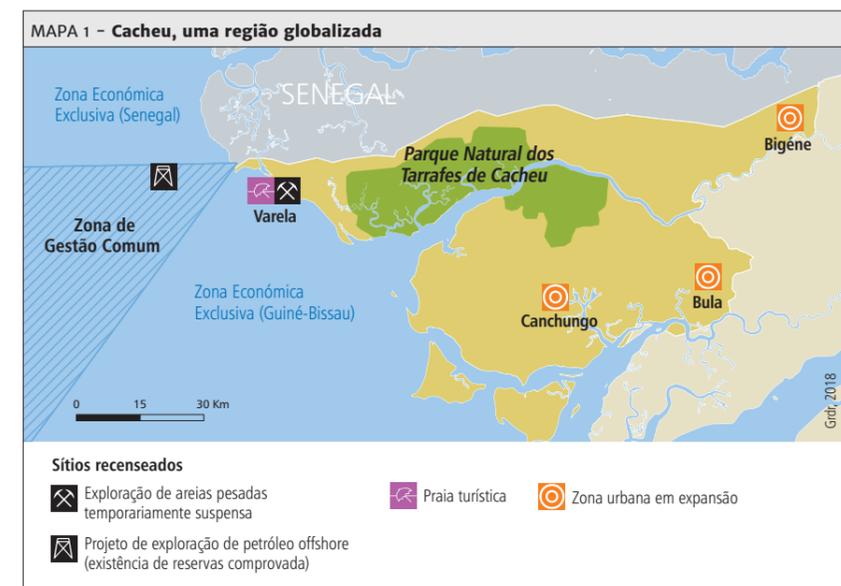
# ÍNDICE

Prefácio	3	III. MEIO NATURAL	31
Agradecimentos	5	3.1. <b>Uma região litorânea, de mangais...</b>	<b>32</b>
Abreviações	7	3.2. <b>...de palmeirais e de pomares</b>	<b>34</b>
Índice	8-9	3.3. <b>Os recursos não renováveis: petróleo e areias pesadas</b>	<b>34</b>
Introdução: Cacheu, uma região no mundo	11	3.4. <b>Um difícil prognóstico climático</b>	<b>35</b>
I. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E ATORES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	13	IV. ECONOMIA	37
1.1. <b>Serviços estatais presentes, mas com poucos recursos humanos e financeiros para cumprir a sua missão de poder do Estado</b>	<b>14</b>	4.1. <b>Cacheu, uma região integrada às redes mercantis sub-regionais e mundiais</b>	<b>38</b>
1.2. <b>O papel fundamental dos atores da sociedade civil para o desenvolvimento da região</b>	<b>16</b>	4.2. <b>A pesca, sector emblemático da integração económica de Cacheu</b>	<b>39</b>
1.3. <b>Cacheu: um mosaico de territórios</b>	<b>19</b>	4.3. <b>Cacheu, em primeiro lugar entre as regiões produtoras de castanha de caju e de óleo de palma</b>	<b>41</b>
II. DEMOGRAFIA	21	4.4. <b>Economias domésticas diversificadas e de baixo impacto ambiental negativo</b>	<b>45</b>
2.1. <b>Uma população em crescimento</b>	<b>22</b>	V. TRÊS DESAFIOS PARA A REGIÃO DE CACHEU	49
2.2. <b>O papel estruturante dos eixos rodoviários e da fronteira nas dinâmicas de povoamento</b>	<b>24</b>	5.1. <b>Melhorar a oferta e o acesso aos serviços de saúde: o apoio à prevenção e à mobilidade transfronteiriça a curto prazo; a questão dos recursos e da gestão a longo prazo</b>	<b>51</b>
2.3. <b>Cacheu, terra de partida, de acolhimento e ponto de etapa dos movimentos de circulação sub-regionais</b>	<b>26</b>	5.2. <b>A escolarização na Região de Cacheu: enfrentar os desafios do crescimento demográfico e do aumento da taxa e da duração da escolaridade</b>	<b>52</b>
2.4. <b>Jovens cada vez mais numerosos, uma força de trabalho presente</b>	<b>28</b>	5.3. <b>Apoiar as produções agrícolas familiares da região: oferecer um suporte à diversificação das fontes de rendimentos, facilitar a circulação dos bens agrícolas e acompanhar os dispositivos concertados de acesso aos recursos naturais</b>	<b>55</b>
2.5. <b>Uma região sob forte influência urbana</b>	<b>29</b>	Bibliografia	58
		Lista de mapas, figuras, quadros e caixas	60
		Legendas das fotografias	62

# INTRODUÇÃO

## Cacheu, uma região no mundo

A inauguração de um memorial da escravatura em Cacheu, em 2016, relembra que esta cidade foi um dos pontos centrais do comércio transatlântico de escravos na África do Oeste. O envio de escravos a partir de Cacheu ocorreu até o século XIX. Após a abolição da escravatura, a colonização portuguesa (1880–1973) contribuiu para manter as dinâmicas de extroversão da economia. Cacheu, que durante um tempo foi a capital da Guiné Portuguesa, fornecerá principalmente à metrópole grandes quantidades de produtos oleaginosos (fruto e noz de palma, mancarra, etc.).



Fontes: OCHA, ROWCA 2008; Localidades: GPC – Ministério do Interior. Data desconhecida. Outros dados: <https://www.guinee-bissau-ecotourisme.com/guin-e-b>, consultado em Janeiro de 2017.

OBS.: Este mapa não visa ser exaustivo ou ter uma precisão topográfica. Ele representa os diversos usos e, às vezes, pouco conciliáveis do território, assim como os interesses potencialmente conflituais dos atores envolvidos.

Nos dias atuais, a importância das exportações regionais de castanha de caju (Cacheu é responsável por cerca de um quarto da produção nacional, que apresenta um crescimento exponencial há 20 anos), a exploração das areias pesadas de Varela (atualmente suspensa) e a onipresença de pescadores estrangeiros nas águas da Zona Económica Exclusiva (ZEE) que beira a região, ressaltam a continuidade desta tendência e o facto de que Cacheu vive, ainda hoje, os efeitos concretos da “globalização” (**Mapa 1**).

Contudo, o dinamismo demográfico da região (+ 40% entre 1979 e 2009, 55% dos habitantes têm menos de 20 anos), a forte influência urbana exercida sobre o seu território, a diversidade de economias locais, que, se observadas de perto, revelam-se tão ligadas às redes mercantis mundiais quanto às redes sub-regionais e locais e, por fim, a emergência de uma sociedade civil particularmente ativa, evidenciam verdadeiras dinâmicas de desenvolvimento local.

Estas dinâmicas são, entretanto, frequentemente ocultadas devido ao tratamento mediático dado à Guiné-Bissau e ao modo de funcionamento dos aparelhos estatais nacionais e internacionais.

O presente documento tem o intuito de reequilibrar a situação, apresentando, de modo conciso e ilustrado, as principais tendências demográficas e económicas da região (capítulos 1 a 4), para situar de forma mais clara no contexto regional as questões sectoriais abordadas (saúde, educação e agricultura – capítulo 5).

Esta monografia apresenta-se assim como **uma base de informações** que pretende ser útil aos atores do desenvolvimento regional (ONG, organizações internacionais, associações da diáspora, serviços regionais, etc.) e, ao mesmo tempo, como uma ferramenta destinada a dar **mais visibilidade e a veicular uma visão mais justa da Região de Cacheu**.

## Método de elaboração da monografia, escolhas metodológicas e suas limitações

A presente publicação é fruto de um trabalho em conjunto entre atores da sociedade civil e autoridades estatais implantadas na região, sob a coordenação do Grdr.

Cinco etapas principais foram determinantes para este trabalho:

- A definição de uma linha editorial a partir de uma proposição do Grdr (2016).
- Um diagnóstico dos três sectores considerados prioritários pelo governo regional (saúde, educação e agricultura), realizado por “comissões temáticas” que reuniram funcionários dos serviços regionais do Estado e atores da sociedade civil ativos nas áreas abordadas. Instituídas em junho de 2016, estas três comissões temáticas fizeram uma restituição dos seus trabalhos.
- A realização de estudos temáticos por estudantes–estagiários e consultores (2016 e 2017): diagnóstico da sociedade civil regional, etc.
- A redação da monografia, realizada pelo Grdr, a partir dos materiais recolhidos e de uma ampla revisão bibliográfica (dados estatísticos provenientes de instituições públicas, tais como o INE, a FAO, o PAM, o BM, a UICN, etc.; trabalhos de investigação conduzidos por universitários, dados e informações recolhidos por outros projetos, etc.).
- A restituição pública, em Canchungo, em fevereiro de 2018, da versão provisória do documento.

Uma última etapa, prevista para junho de 2018 em Bissau, permitirá a apresentação pública e a difusão da versão final da monografia.

O documento resultante deste trabalho, que pretende apresentar uma visão sistémica, multiescalar e diacrónica do território estudado, é o primeiro deste tipo publicado sobre a região, na medida em que a monografia realizada nos anos 80 só abrange um determinado período.

Esta escolha metodológica resulta na produção de um documento que requer uma leitura mais exigente do que a das publicações comuns no sector da ajuda ao desenvolvimento.

Além disso, a equipa de coordenação deparou-se, diversas vezes, com entraves devido à falta (total ou parcial) de dados confiáveis, o que explica algumas lacunas, quase inevitáveis no contexto de elaboração deste documento.



# ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E ATORES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

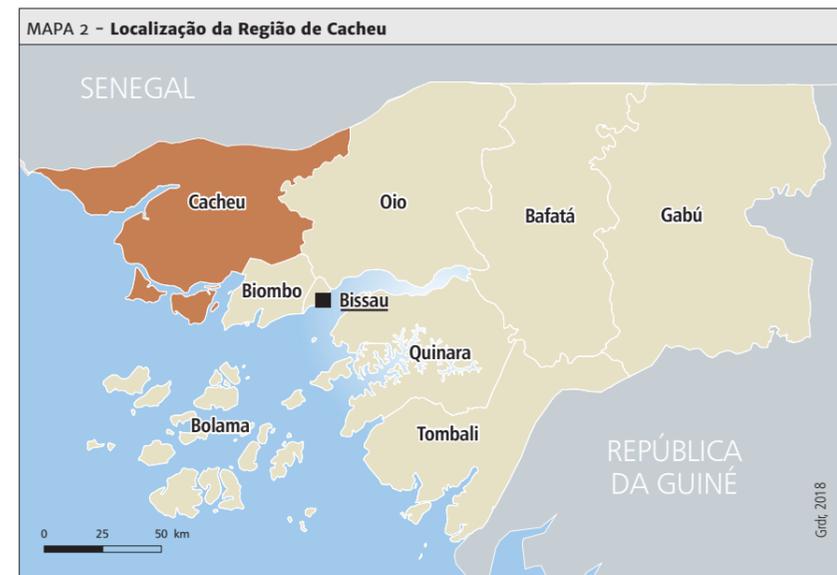
## EM RESUMO

- A administração regional, cuja estrutura é composta pelos sete sectores da região, e os serviços do Estado presentes no seu território trabalham com recursos humanos e financeiros insuficientes para cumprir a sua missão de poder estatal.
- Mais de **500 Organizações da Sociedade Civil (OSC)**, em sua maioria não especializadas em apenas uma área, intervêm nas escalas das tabancas, cidades e sectores da região. A maior parte concentra as suas ações na agricultura, educação e saúde.
- As **organizações oriundas da diáspora** (mais de 100 recenseadas) são as OSC mais antigas. Elas dispõem, frequentemente, de maiores capacidades de ação do que as estruturas que agem somente com recursos locais. Elas são ativas tanto na Região de Cacheu, quanto nos sítios onde estão implantadas, principalmente em África e na Europa do Oeste.
- **Comunidades de origens diversas coabitam na região:** Felupes/diolas, mancanhas, manjacos, papeis, mandingas, fulas, etc. Por conseguinte, a organização política das terras e, particularmente, as modalidades de governação fundiária também são diversas, ainda que essas comunidades partilhem muitos pontos comuns. O crioulo, língua veicular regional, é uma prova da abertura às influências externas.

## 1.1. Serviços estatais presentes, mas com poucos recursos humanos e financeiros para cumprir a sua missão de poder do Estado

A Região de Cacheu nasceu de uma divisão administrativa ocorrida no século XX, durante e depois da colonização portuguesa. Com uma superfície de 5.430 km<sup>2</sup>, Cacheu é limitada ao norte pelo Senegal (departamento de Ziguinchor ou “baixa-Casamance”), ao sul pela Região de Biombo, a leste pela Região de Oio e é banhada a oeste pelo Oceano Atlântico (Mapa 2). Trata-se da 4ª região do país em termos de superfície e da 5ª região em termos de população.

A capital da região é Cacheu, cidade que foi a primeira capital da Guiné Portuguesa (sujeita à administração de Cabo-Verde), antes de Bolama<sup>1</sup> (em 1879) e Bissau (em 1941).



Fontes: Divisões administrativas: OCHA, ROWCA 2008; localidades: GPC - Ministério do Interior, data desconhecida.

A região é atualmente dividida em sete sectores: Bigéne, Bula, Cacheu, Calequise<sup>2</sup>, Caió, Canchungo e São Domingos (Mapa 3). Estes sectores são, por sua vez, divididos em secções<sup>3</sup> compostas por tabancas (Quadro 1). O governador da região apoia-se em administradores responsáveis por cada um dos sete sectores. Um comité regional de planificação, constituído por uma pequena equipa de funcionários, forma o braço operacional do governo da região. O governador e os administradores são nomeados pelo Estado (Figura 1).

Cada secção é representada por um régulo (“rei”), geralmente nomeado por consenso entre os habitantes e o Estado. Por último, cada tabanca tem um chefe de tabanca.

Esta arquitetura administrativa, implantada durante a colonização portuguesa, foi retomada depois da independência pelo PAIGC, partido político então dominante. Inicialmente concebida para recensear a população e para supervisionar o recebimento dos impostos locais (imposto de trabalho e, depois da independência, imposto para a reconstrução), ela agora serve como elo de transmissão entre o poder central e as diferentes divisões territoriais. Ela é reforçada pelos serviços regionais do Estado: agricultura, saúde, educação, etc., que são hierarquicamente dirigidos por seus respetivos ministérios.

O inventário realizado pelas comissões temáticas da agricultura, saúde e educação em 2017 põe em evidência que os recursos humanos e financeiros de que a administração e os serviços regionais dispõem são atualmente limitados. Assim, o número de

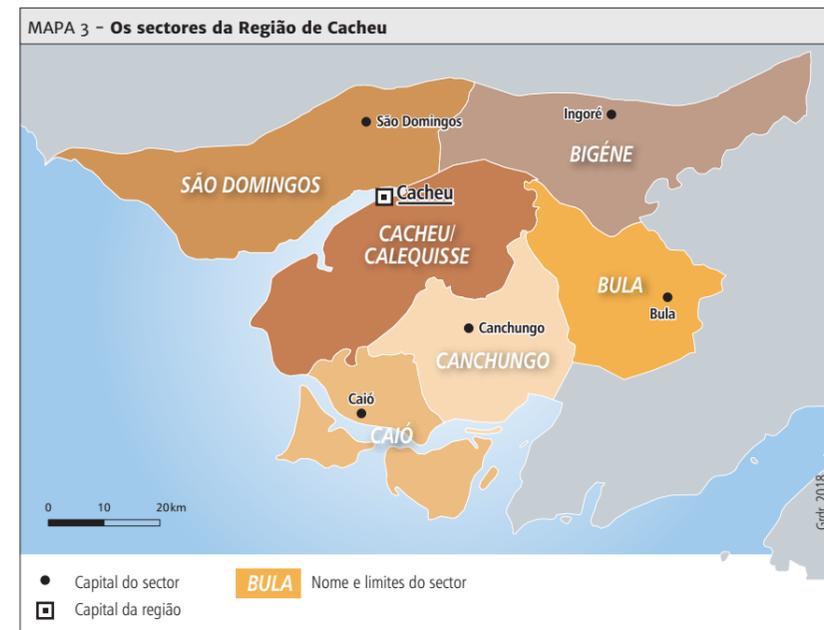
QUADRO 1 - Secções e tabancas dos sectores da Região de Cacheu

SECTORES	BIGÉNE	BULA	CAIÓ	CANCHUNGO	CACHEU/CALEQUISE	SÃO DOMINGOS	Total
SECÇÕES	Bigéne Sedengal Ingoré Barro	Bula São Vicente Agusto Barros Pete Có João Landim	Caió Cajucut Pecixe Jeta	Canchungo Djolmete Pelundo Bara Tame/Canhobe Batucar/Pandim	Cacheu Calequise	Campada São Domingos Suzana	25
NÚMERO DE TABANCAS	181	139	87	118	104	116	745

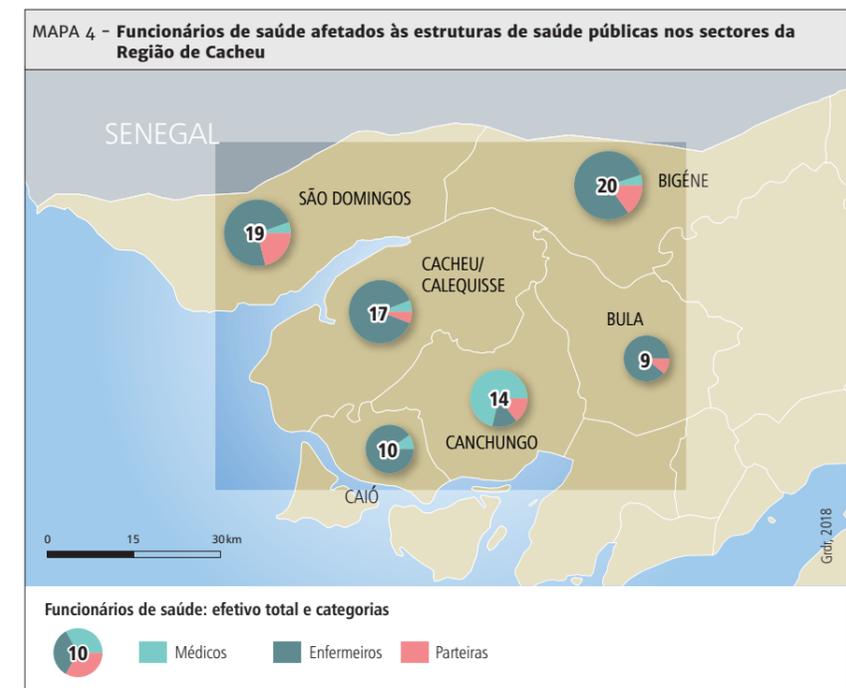
Fonte: RGPH 2009, INE Guiné-Bissau. OBS.: Em 2009, Cacheu e Calequise tornaram-se um único sector.

enfermeiros afetados às diversas estruturas de saúde pública da região não ultrapassa, geralmente, cerca de doze funcionários para os sectores do norte da região, cuja população, no entanto, é maior do que 30.000 habitantes (Mapa 4). Da mesma forma, os serviços de agricultura (Agricultura, Pecuária e Florestas) apresentam uma infraestrutura muito fraca, apesar deste ser um sector central na economia local (Mapa 5).

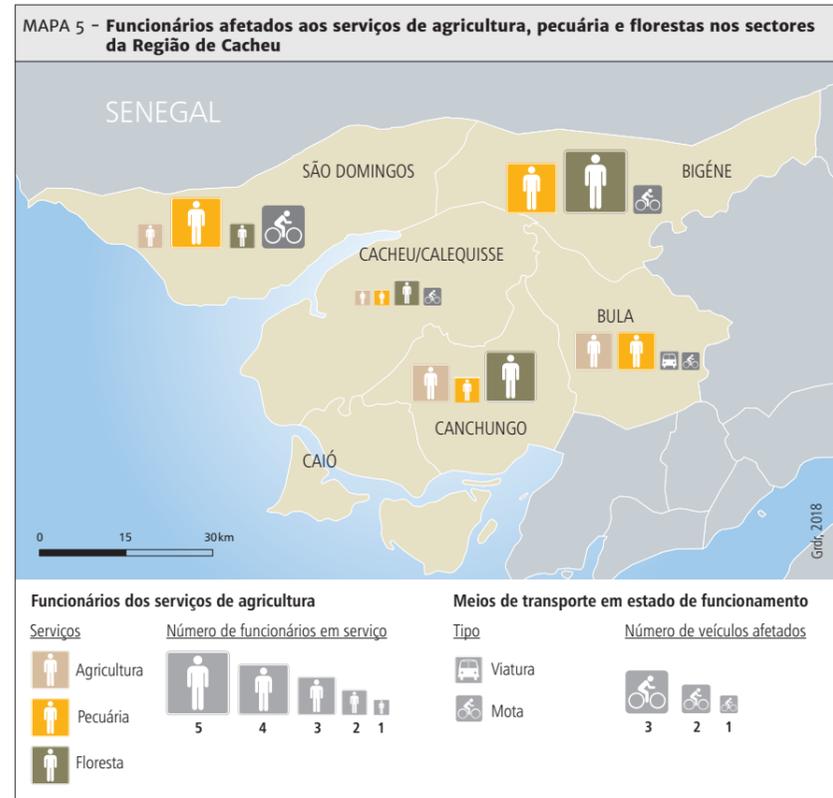
Além disso, a instabilidade política que domina o poder central há vinte anos favorece muito pouco a atribuição de recursos e a implementação das orientações definidas pelas políticas sectoriais<sup>4</sup>. Nesse contexto, as Organizações da Sociedade Civil (OSC) desempenham um papel importante no desenvolvimento da região.



Fontes: Divisões administrativas: OCHA, ROWCA 2008; localidades: GPC - Ministério do Interior, data desconhecida. OBS.: O sector de Cacheu/Calequise é atualmente subdividido em dois, mas os dados sobre os seus limites não foram encontrados.



Fontes: Diagnóstico do sector da saúde na Região de Cacheu. Comissão temática da saúde, 2017.



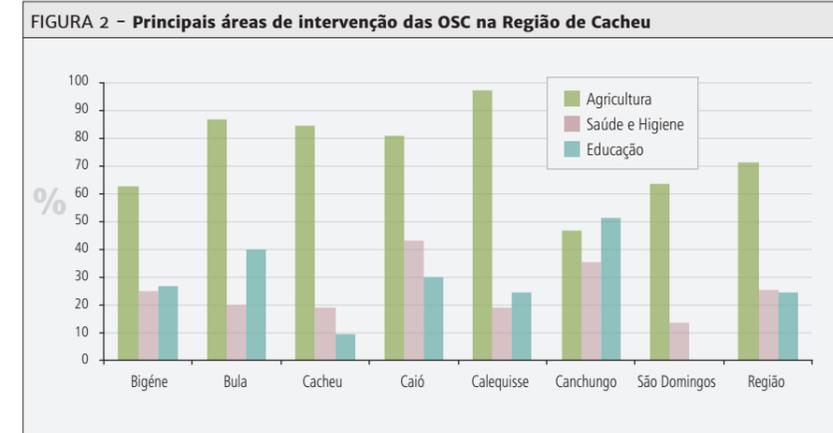
Fontes: Diagnóstico do sector da agricultura na Região de Cacheu. Comissão temática da agricultura, 2017.

1. Bolama tornou-se a capital da antiga província da Guiné Portuguesa depois da decisão da coroa portuguesa de separar a administração de Cabo-Verde.
2. Cacheu e Calequisse eram, antes de 2014, um único sector. Depois da elaboração do plano *Terra Ranka*, em 2014, Calequisse tornou-se um outro sector da Região de Cacheu, independente do Sector de Cacheu. Para este estudo, alguns dados do Sector de Calequisse serão associados aos do Sector de Cacheu. Pois, até o momento, todos os dados ainda não foram atualizados.
3. A delimitação das secções permanece vaga.
4. Consultar o plano *Terra Ranka* para conhecer essas orientações.
5. Num sentido amplo: produção agrícola, pesca, pecuária, transformação agroalimentar, etc.

## 1.2. O papel fundamental dos atores da sociedade civil para o desenvolvimento da região

Da escala das tabancas à escala suprarregional, observamos uma forte dinâmica de organização e de redes da sociedade civil na Região de Cacheu. Em 2016, podia-se encontrar mais de 400 OSC intervindo em diversas áreas. Uma análise realizada em cerca de 300 destas organizações mostra que a maior parte não trabalha numa área específica e concentra as suas ações em três sectores: agricultura<sup>5</sup>, educação e saúde (Figura 2). Elas intervêm, em sua maioria, na escala da cidade/tabanca ou da secção (Figura 3). Um esboço de tipologia realizado segundo o tamanho e o orçamento das OSC evidencia uma grande heterogeneidade (Figura 4 e 5).

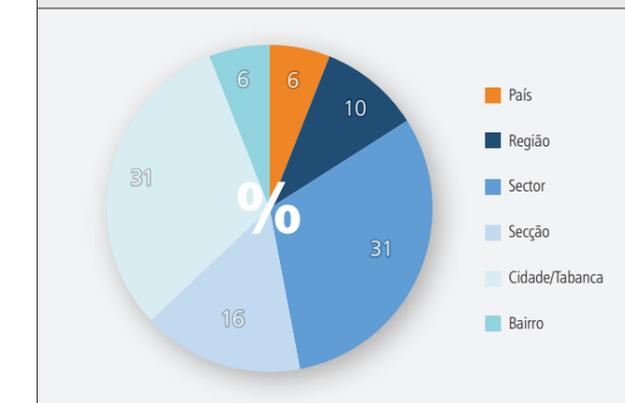
Na escala das tabancas e das secções, os grupos de mulheres e as associações de jovens (“organizações comunitárias de base”) constituem os principais atores do movimento cidadão local. Eles intervêm sobretudo nas áreas agrícolas (horticultura e prestação de serviços), de lazer (organização de eventos desportivos e culturais) e de saúde, frequentemente em parceria com projetos estatais e com a cooperação internacional.



Fonte: Bellevalire, J & Grdr (2016).

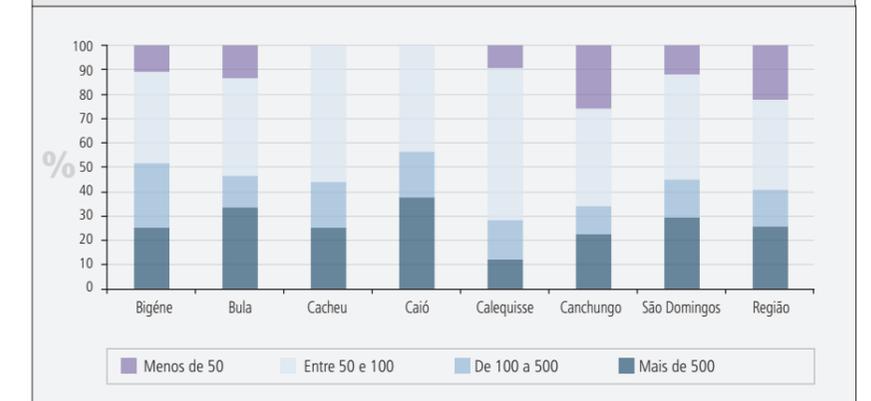
Na escala dos sectores, encontramos associações e redes de atores que federam várias organizações das tabancas e desempenham um papel importante de sensibilização e de formação dos cidadãos nas áreas de educação, de saúde familiar e nutricional e de meio ambiente. Assim, elas jogam um papel importante na gestão das escolas primárias, tentando compensar as deficiências do Estado nesta área: construção de escolas, recrutamento e remuneração de professores, etc. Esses atores são apoiados, na escala regional, por organizações externas coordenadoras e ONG guineenses como a AD, uma das mais antigas, ou a CONGAI (Caixa 1).

FIGURA 3 - Escalas geográficas de intervenção das OSC na Região de Cacheu



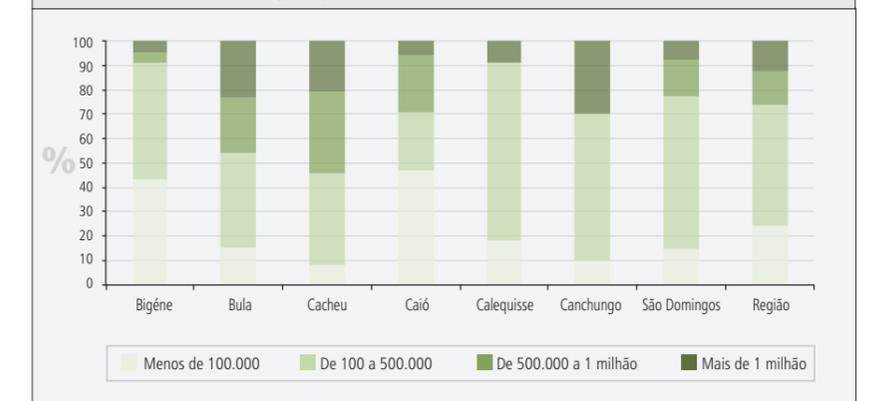
Fonte: Bellevalire, J & Grdr (2016).

FIGURA 4 - Tipologia das OSC repertoriadas na Região de Cacheu, de acordo com o número de membros declarado



Fontes: Segundo Bellevalire, J & Grdr (2016).

FIGURA 5 - Tipologia das OSC repertoriadas na Região de Cacheu, de acordo com o orçamento anual declarado (FCFA)



Fontes: Segundo Bellevalire, J & Grdr (2016).

#### CAIXA 1 – A CONGAI, ator pioneiro na dinâmica de federação de associações na Região de Cacheu

Criada oficialmente em 12 de novembro de 2004, a Confederação das ONG e Associações Intervenientes ao Sul do Rio Cacheu (CONGAI/RSC) tornou-se um ator central para as iniciativas de desenvolvimento regional de Cacheu. Composta inicialmente por 46 organizações, pela ONG AMIC (Associação dos Amigos das Crianças) e 45 associações locais, ela tem como objetivo servir de espaço de concertação e de coordenação entre os atores da sociedade civil ativos na Região de Cacheu. Inicialmente, a sua ação limitava-se à parte sul. Em 2008, a sua sede foi criada em Canchungo. Antes disso, a CONGAI era hospedada pelo Centro de Formação Administrativa da Província Norte (CENFA, atual ENA).

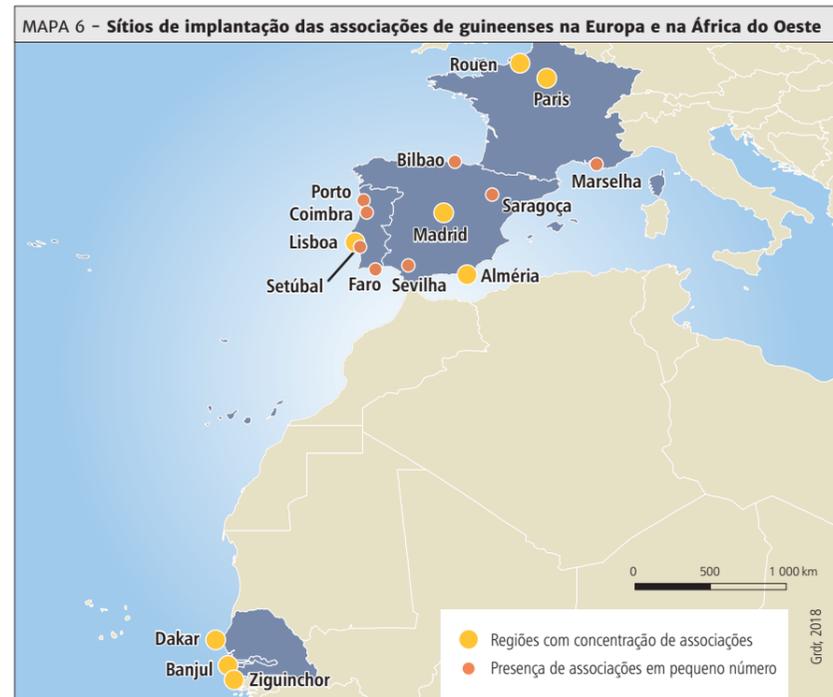
Entre outras iniciativas conduzidas pela CONGAI, podemos citar:

- Na **área hidroagrícola**: as primeiras intervenções importantes foram a reabilitação da fonte de água de Kum (Canchungo) e a recuperação de terras salgadas das bolanhas de cerca de 15 tabancas em 2005 e em mais de 6.100 ha em 2011. Com a crise alimentar de 2008 a 2010, distribuições de sementes e de alimentos de base foram feitas para apoiar a segurança alimentar dos agregados familiares vulneráveis da região, além da criação de jardins de infância em diversas localidades.
- Na **área socio-sanitária**: as obras de finalização do Jardim de Infância de Binhante (2008), a criação da biblioteca de Canchungo (2006) e a iniciação de parlamentos infantis em diferentes sectores (2007) constituem as principais ações de apoio ao desenvolvimento dos direitos das crianças. A formação e a sensibilização sanitárias sobre a luta contra a cólera (2005) e o apoio à criação da rádio de Babok (2017) são, ainda, outras ações cidadãs conduzidas pela CONGAI.
- Na **área da governação cidadã**: campanhas de sensibilização e formação de mulheres sobre o exercício dos seus direitos e deveres cidadãos foram realizadas (2009) em toda a região. Além disto, formações e advocacia foram apoiadas para o melhoramento e a manutenção de infraestruturas públicas (2010).

Atualmente, a CONGAI é composta por 86 ONG e associações que intervêm em todo o território regional. Recentemente, ela passou a orientar-se mais para as questões económicas da região, com o intuito de apoiar as iniciativas de mulheres e de jovens na área. A CONGAI contribuiu, deste modo, para o desenvolvimento de uma incubadora de projetos económicos, que apoiou mais de 150 microempresas desde 2011.

Fontes: Entrevistas e documento da CONGAI ("CONGAI/SRC UNOR-ALING"; Relatório sobre vida de CONGAI e suas realizações, 2014).

Na **escala regional**, diversas ONG internacionais intervêm em apoio aos atores de base, em parceria com as ONG locais. Elas são frequentemente mais especializadas numa área do que as ONG locais, como por exemplo a VIDA, que intervêm exclusivamente no sector da saúde. A ADPP, estabelecida na Guiné-Bissau desde o fim dos anos 70, ou ainda o Grdr, que intervêm desde 2009 na Região de Cacheu a partir de um pedido da Associação de Desenvolvimento de Pelundo na Europa (ADPE), têm, todavia, um espectro de ação bastante amplo.



Fontes: Dados sobre as associações: Inquérito do Grdr, 2011. Limites dos países e localidades: ESRI. OBS.: O inquérito foi realizado com base em unidades administrativas diferentes de um país a outro. Logo, as informações foram representadas através da localidade principal da zona em questão.

Por fim, na escala transnacional, a diáspora, através de associações criadas nos diferentes países de acolhimento, age em prol do desenvolvimento das localidades de origem. Mais de uma centena de associações de pessoas originárias da Guiné-Bissau que vivem na Europa (França, Portugal e Espanha) e nos países da sub-região (Gâmbia e Senegal) foram assim repertoriadas em 2011 (Grdr, 2011b; **Mapa 6**). As suas áreas de ação são muito próximas dos sectores de intervenção das OSC locais. Diversas especificidades devem, contudo, ser levadas em conta. Elas são frequentemente mais antigas e têm uma maior capacidade de mobilização de recursos humanos e financeiros do que as OSC locais. Além disso, elas também são ativas nos locais em que estão implantadas no exterior, onde tentam, em particular, manter a coesão social entre os seus membros (Grdr, 2011a).

#### CAIXA 2 – Diversidade e unidade cultural na Região de Cacheu

A Região de Cacheu é um local onde vivem comunidades humanas de diversas origens. As comunidades diolas/felupes, balantas, fulas, papeis, manjacas, mancanhas e mandingas estão entre as mais antigas da região. Elas apresentam diversidades culturais, religiosas e práticas de arte, idiomas, lazer e gastronomia ricas e variadas, acentuadas ainda mais pela chegada de novas diásporas (wolofs, mouros, etc.).

Os saberes e conhecimentos acumulados através de várias gerações pelos habitantes da região constituem uma herança preciosa. Em torno deste património comum (práticas de ordenamento dos mangais, de exploração de palmeirais, técnicas de orizicultura, de agricultura itinerante e de pesca), uma certa identidade territorial partilhada por diferentes comunidades da região foi forjada.

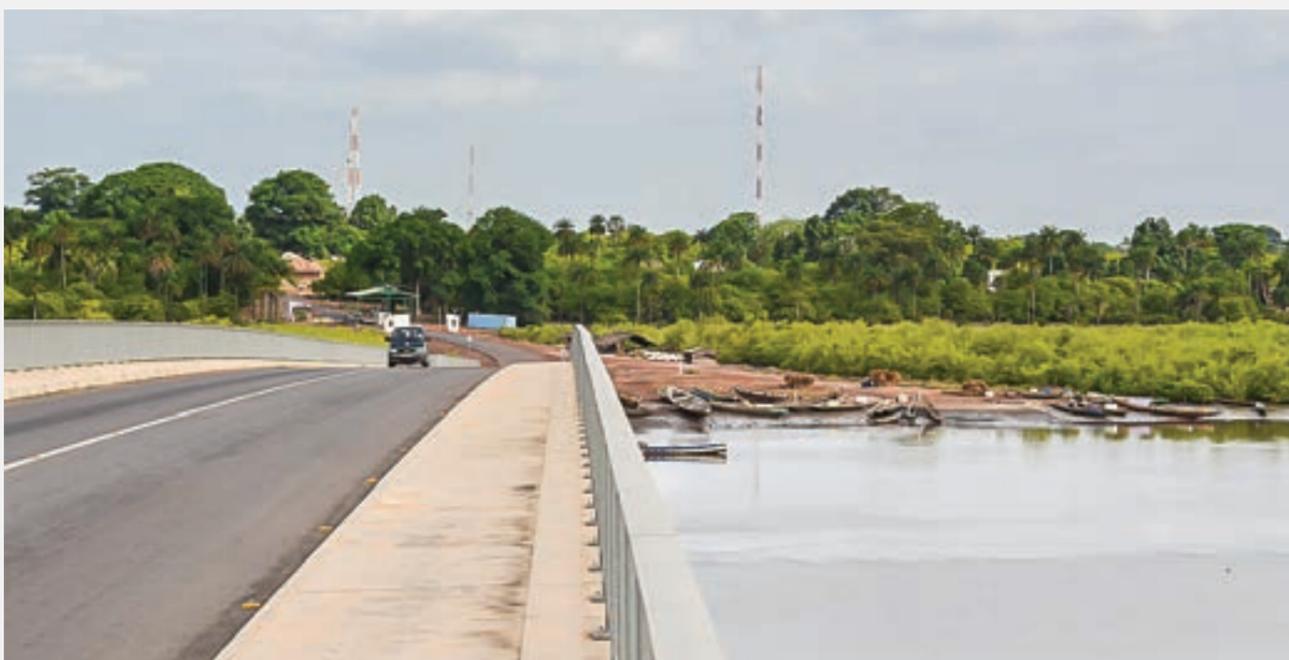
A mistura destas culturas e a influência do exterior fez florescer uma cultura urbana na maior parte das localidades, onde variedades de danças, músicas (Gumbé, Kuduru, Coupé Décalé, Pop Nigeriana, etc.) e desportos (futebol) são praticadas sobretudo pelos jovens, assim como alguns eventos periódicos (Carnaval, 1º de maio, cerimónias de iniciação, Festa da Independência e Ano Novo). O crioulo, idioma veicular nas escalas regional e nacional, é um símbolo desta mistura e da abertura da região.

## 1.3. Cacheu, um mosaico de territórios

O histórico de povoamento de Cacheu e a situação política que prevalece na Guiné-Bissau há vinte anos explicam a persistência de fortes especificidades locais na organização social e nos modelos de governação da região. Nos sectores de Caió, Calequise e Cacheu, conhecidos pela predominância de manjacos, os régulos têm um poder importante, em particular relativamente às atribuições fundiárias. Eles podiam, até recentemente, mobilizar mão-de-obra extrafamiliar sem grandes contrapartidas, devido ao seu estatuto. Este papel é menor na Secção de São Domingos, predominantemente felupe, comunidade que apresenta uma organização social menos piramidal do que a dos manjacos.

As comunidades que compõem a região partilham, não obstante, traços comuns na sua organização social. Trata-se, em primeiro lugar, de comunidades patriarcais e gerontocráticas, nas quais o casamento representa uma etapa obrigatória do ciclo de vida. Lógicas estritas (mesmo se diferentes de uma comunidade à outra) de divisão do trabalho e de obrigações influenciam fortemente a posição social dos indivíduos e as suas possibilidades.

Essas comunidades obedecem, além disso, a princípios comuns em termos de governação fundiária. A ancianidade da implantação da tabanca e das famílias condiciona o seu peso na governação fundiária, assim como os seus direitos. Os usuários dos recursos fundiários dispõem do usufruto das terras, que são herdadas ou postas à disposição por terceiros. O usufruto é transmitido, em geral, de pai para filho, uma vez que se casam, com uma prioridade frequentemente dada ao mais velho. As mulheres também só podem ter acesso ao sistema fundiário quando casadas, através das parcelas postas à disposição dos seus maridos ou parentes (pai, irmão, etc.).



# DEMOGRAFIA

## EM RESUMO

- Estima-se que a população residente se aproxima de 220.000 habitantes em 2018, **50% maior do que em 1979**. Este crescimento teve variações de acordo com as zonas consideradas. Enquanto no sudoeste da região (Sector de Caió), isolado com relação aos eixos rodoviários e à fronteira com o Senegal, a população estagnou, no norte e no nordeste ela cresceu mais de 50%.
- Em 2009, os habitantes com menos de 20 anos e a faixa etária entre 15 e 35 anos representavam, respetivamente, 55% e 33% da população. **Provavelmente, nunca houve tantos jovens quanto hoje em dia na região, seja em número absoluto ou relativo.**
- **As dinâmicas de circulação sub-regionais** (de e para a Guiné-Conacri, a Guiné-Bissau, o Senegal e a Gâmbia) são predominantes nos fluxos migratórios da Região de Cacheu, em relação às dinâmicas de emigração ou imigração definitivas. As categorias estáticas revelam-se inadaptadas a este contexto. **Comunidades muti-localizadas**, compostas por membros em diferentes regiões do mundo, emergiram progressivamente desde o fim do século XIX, a exemplo de uma grande quantidade de pessoas originárias de Pelundo, que vivem no Senegal (Ziguinchor e Dakar), na Gâmbia (Banjul), na França (Normandia, região parisiense, etc.) ou em outros países.
- A maioria dos habitantes da Região de Cacheu vive a duas ou três horas de estrada de grandes cidades como Bissau (500.000 habitantes) e Ziguinchor (250.000 habitantes). A própria região apresenta uma **tendência à urbanização**, como comprova, por exemplo, o desenvolvimento de Canchungo. Esta tendência cria novas necessidades.

## 2.1. Uma população em crescimento

A Região de Cacheu tinha em 2009, ano do último censo, pouco menos de 190.000 habitantes, ou seja, 13% da população nacional (**Mapa 7**). Esta população cresceu mais de 40% desde o primeiro censo, em 1979. O crescimento demográfico médio anual, inferior a 1% no período entre 1979 e 1991, atingiu 1,7% de 1991 a 2009 (**Mapas 2 e 8**). Se consideramos a taxa de crescimento do período de 1991 a 2009, podemos estimar que a população residente chega atualmente a cerca de 220.000 habitantes, o que representa uma densidade regional superior a 42 habitantes por km<sup>2</sup>.

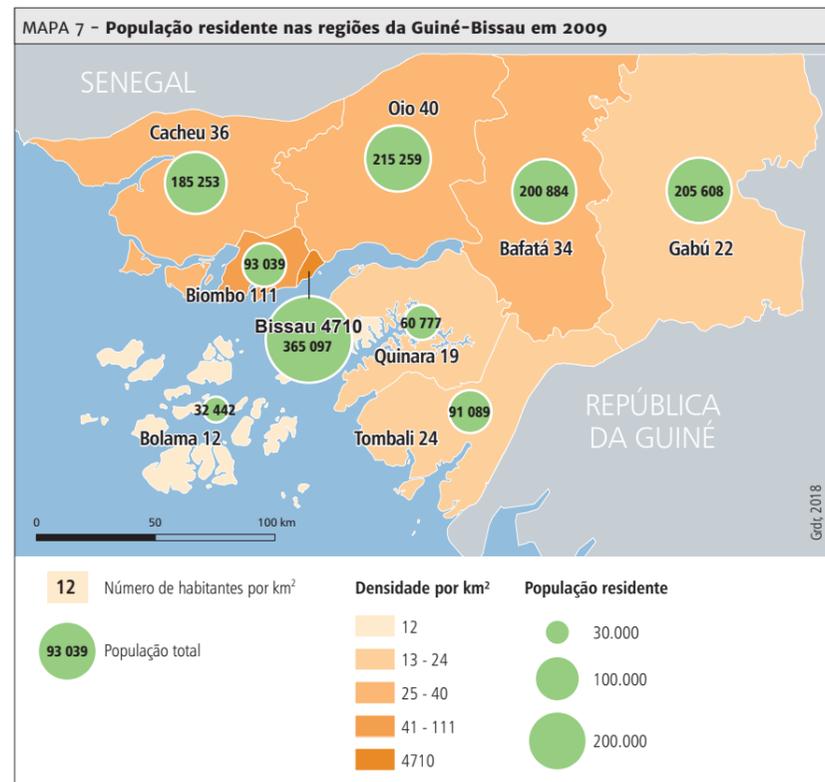
Esta dinâmica positiva deve-se, acima de tudo, ao crescimento natural de uma população já estabelecida em 1979 e, em menor escala, ao fluxo de pessoas das regiões e países vizinhos (Senegal e Guiné-Conacri). O aumento do crescimento natural está ligado, sem dúvida alguma, aos progressos sanitários observados na região e aos seus efeitos sobre a mortalidade infantil. Mesmo que o nível dos serviços de saúde ainda seja muito insuficiente, melhoramentos significativos foram notados desde o ano de 1974.

Uma análise comparativa na escala dos sectores apresenta dados extremamente diferentes, a tal ponto que as médias regionais parecem pouco significativas. Assim, os sectores ao norte (Bigéne e São Domingos) tiveram taxas de crescimento que ultrapassavam 50%, enquanto Caió, ao sul da região, apresentou uma queda de população de 6% (**Mapa 9**). As densidades por sector também variam muito, de menos de 20 habitantes por km<sup>2</sup> em Caió, Calequisse/Cacheu a mais de 40 habitantes por km<sup>2</sup> em Bula, Canchungo e Bigéne (**Mapa 10**).

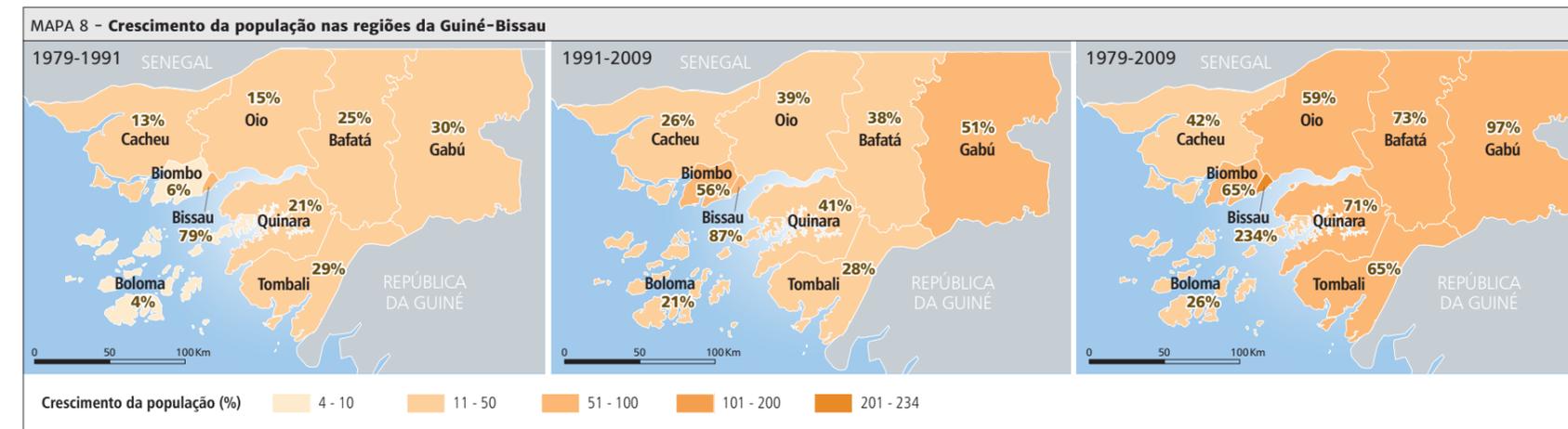
QUADRO 2 - Crescimento demográfico médio anual em dois períodos, nas escalas da Região de Cacheu e da Guiné-Bissau

Período	CACHEU	GUINÉ-BISSAU
1979-1991	0,90%	1,80%
1991-2009	1,70%	2,50%

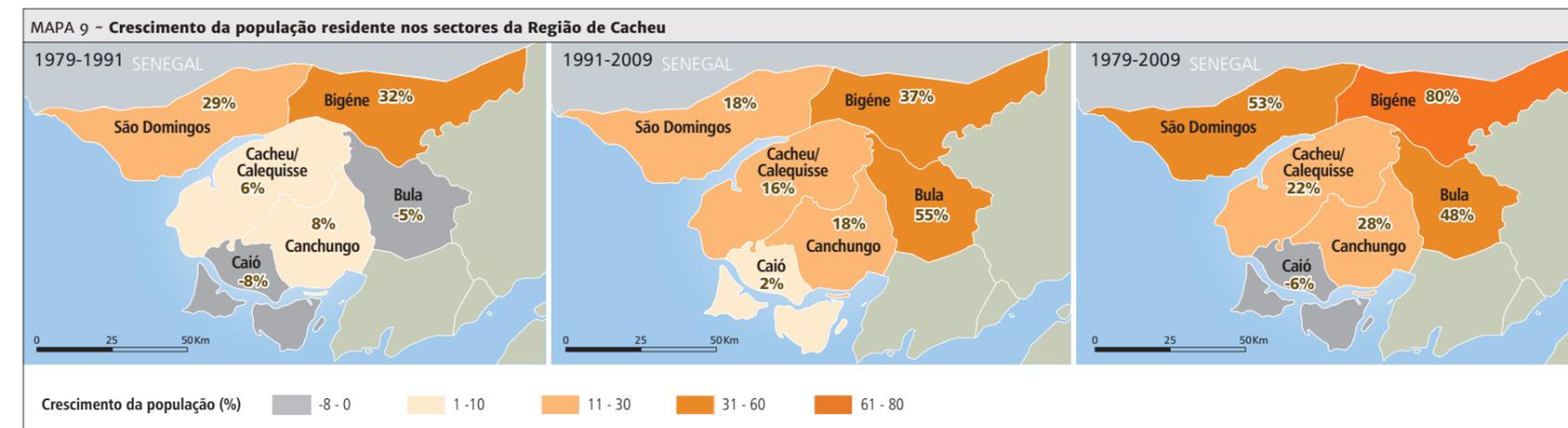
Fonte: Censos de 1979, 1991 e 2009.



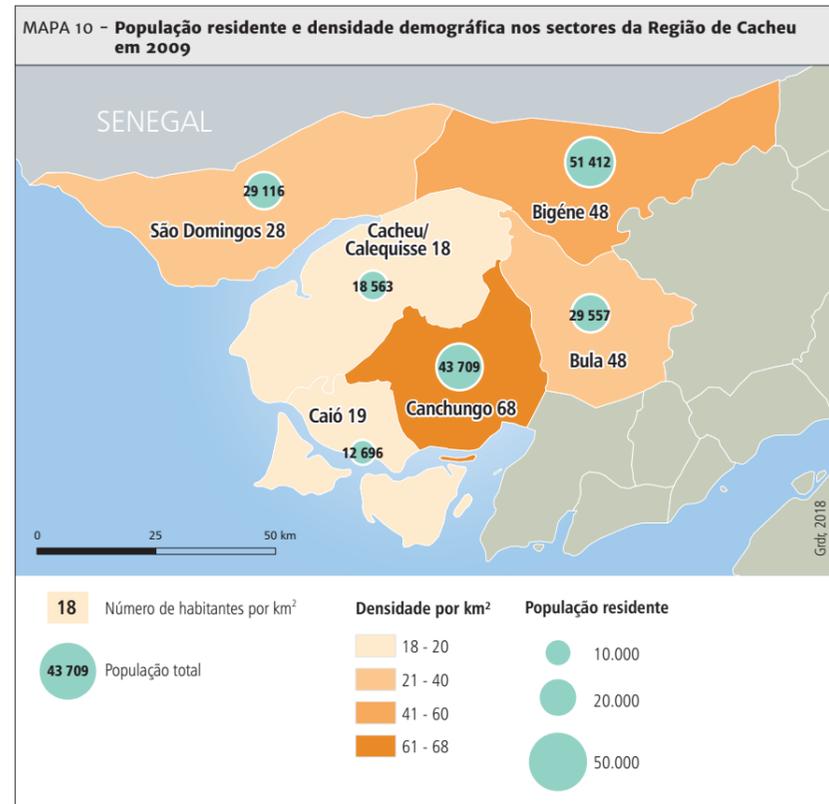
Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Dados sobre a população e densidades: INEC - Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números, 2015.



Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Dados sobre a população: INEC - Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números, 2015.



Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Dados sobre a população: INEC - Censos 2009 - adquiridos através de www.geohive.com (1979, 1991).



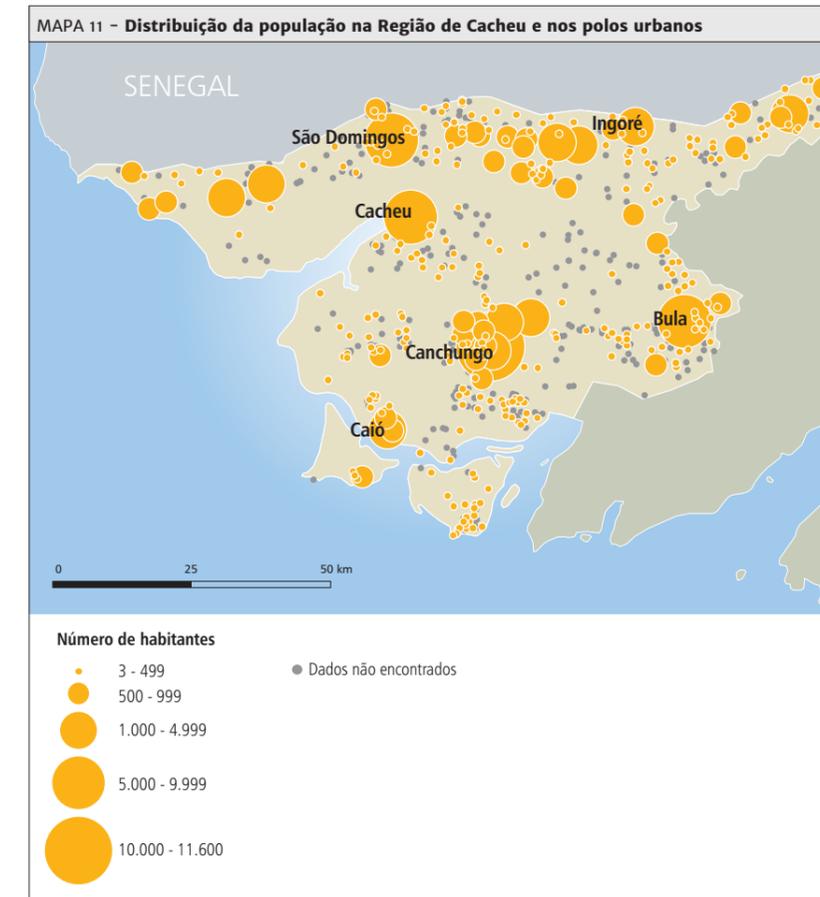
## 2.2. O papel estruturante dos eixos rodoviários e da fronteira nas dinâmicas de povoamento

As diferenças acima levantadas devem-se principalmente ao papel estruturante das infraestruturas rodoviárias e da fronteira nas dinâmicas de povoamento.

Até os anos 50, a maior parte do tráfego de bens e de pessoas era feito por via fluvial, o que colocava as zonas insulares e as mais litorais (em particular a atual Secção de Caió) no centro da economia local. O desenvolvimento de infraestruturas rodoviárias marginalizou desde então essas regiões, polarizando a maior parte dos fluxos de mercadorias e de pessoas. Assim, o eixo São Domingos/Bula, que se encontra no prolongamento da Transgambiana e liga a região à Bissau e à Ziguinchor (Senegal), é agora delimitado pelas localidades mais importantes (**Mapas 11 e 12**).

A dureza das condições de vida nas zonas insulares, como em Djeta, onde o acesso aos serviços de base é mais difícil do que noutras partes (além do facto de não beneficiar do desenvolvimento turístico, como nas ilhas vizinhas Bijagós) reforça essa tendência. Isto explica a diminuição do crescimento populacional entre 1979 e 1991 e a quase estagnação no período de 1991 a 2009 no Sector de Caió.

A fronteira também desempenha um papel importante na estruturação do povoamento (**Caixa 3**).



### CAIXA 3 – Hospitalidade e refúgio de um lado e de outro da fronteira: recapitulativo histórico

Em março de 1908, a tabanca de Varela foi atacada e incendiada pelo exército colonial português. As populações refugiaram-se então na zona vizinha, a baixa-Casamance. Em novembro de 1933, os habitantes da zona de Varela foram acusados de ter destruído um avião militar português. As tabancas de Djufunco, Igim e Varela Iale foram totalmente destruídas, o que resultou numa onda de refugiados estimada em 1.500 a 2.000 pessoas da região de Suzana-Djufundo em direção à baixa-Casamance.

Durante a Guerra de Libertação dirigida pelo PAIGC (1960 a 1973), inúmeros habitantes da Região de Cacheu refugiaram-se em Ziguinchor, onde alguns instalaram-se definitivamente. Desde o começo do conflito na Casamance em 1982, movimentos inversos ocorreram: a Região de Cacheu acolhe a maior parte do fluxo de refugiados da Casamance. Foi inclusive em Cacheu que os acordos de paz entre o Senegal e o MFDC foram assinados, após o cessar-fogo de 1991.

Algumas escolas foram criadas para os refugiados senegaleses, notadamente nos sectores de São Domingos e Canchungo. Este é o caso da escola adventista Béthel em Canchungo, criada em 1996 (Manga, 2016a). No Sector de São Domingos, algumas tabancas são fundamentalmente povoadas por refugiados que fugiram do conflito na Casamance (Quadro 3).

Em 2009, o HCR estimava em 7.731 o número de refugiados presentes na Guiné-Bissau, provenientes das zonas de conflito. Eles estão principalmente registados nos sectores de Canchungo e Cacheu e são, em sua maioria, senegaleses (7.492). O resto provém da Serra Leoa e da Libéria (239) ou da Costa do Marfim (65) (Gorée Institute, 2012).

As tensões ocorridas na Gâmbia no momento da eleição presidencial, no começo de 2017, geraram novas chegadas na Região de Cacheu.

Fonte: Inquérito do Grdr de 2015 a 2016.

### QUADRO 3 – Tabancas da Secção de Suzana (noroeste da Região de Cacheu), fundamentalmente povoadas por refugiados do conflito na Casamance e suas origens

Tabancas	ORIGEM
Cassu	Youtou (Oussouye), Kaguit, Nyassia (Ziguinchor)
Cassalol	Effoc, Santhiaba-Manjak, Youtou (Oussouye)
Elalab	Kalobone (Oussouye)
Edjaten	Effoc

Fonte: Inquérito monográfico do sítio piloto de Suzana, Grdr, 2016.

## 2.3. Cacheu, terra de partida, de acolhimento e ponto de etapa dos movimentos de circulação sub-regionais

A Região de Cacheu, em particular as zonas com concentração de comunidades manjacas, papeis e mancanhas (atuais secções de Caió, Calequisse, Bula e Cacheu), apresenta, de longa data, dinâmicas de emigração sazonal ou de longa duração. Estes movimentos migratórios acentuaram-se a partir da metade do século XIX, nomeadamente em direção ao sudoeste do Senegal (baixa e média Casamance), ao leste (Oio e Bafatá) ou ao sul do país (Quinara e Tombali), onde os homens originários da atual Região de Cacheu, que representavam a maioria deste fluxo, trabalhavam na colheita de látex, mancarra (*navetanat*), vinho de palma ou no cultivo de arroz de mangal.

FIGURA 6 - Direção dos movimentos de emigração a partir de Bula, Calequisse, Djeta e Texeiro Pinto (Canchungo) nos anos 50



Fonte: Correira, 1962.

Estes movimentos cresceram durante a primeira metade do século XX, devido, em particular, à continuação do trabalho forçado e do imposto até os anos 60, mais de 10 anos após a abolição destas medidas no Senegal. Estimamos que, nos anos 50, mais de 5.000 pessoas emigravam a cada ano (Figura 6). A dureza das relações de produção e a relativa saturação fundiária em alguns régulos, além das diferenças entre os preços dos produtos comercializados e, certamente, a Guerra de Libertação (1960 a 1973) estão entre os outros fatores que explicam estas partidas.

A partir da Casamance, as pessoas originárias da região emigraram, em seguida, para a Gâmbia e Dakar. Iniciaram-se, então, movimentos à destinação de cidades portuárias da França (Marselha, Rouen, etc.). Os movimentos migratórios diversificaram-se desde então, como mostram as informações recolhidas na Secção de Pelundo (Caixa 4).

O perfil migratório tipo acima descrito aplica-se apenas a uma parte da população regional. Mesmo se, atualmente, não há dados em números, é muito provável que as dinâmicas de circulação (emigração ou imigração) de curta duração dominem amplamente os fluxos. Apresentamos o exemplo de pessoas originárias de Varela Iale (Caixa 5).

Estes movimentos de circulação são reforçados pelo aumento da duração da escolarização (partida dos jovens a partir do ciclo) e pelas oportunidades económicas existentes na região. Os recursos haliêuticos e o grande desenvolvimento da produção de castanha de caju nos últimos vinte anos atraem, assim, inúmeras pessoas da sub-região (Senegal, Mauritânia, Guiné-Conacri e Gâmbia, em particular).

### CAIXA 4 - A história recente das mobilidades humanas em Pelundo ou a gênese de uma comunidade multi-localizada

Os primeiros habitantes de Pelundo, originários da tabanca de Bassarel, instalaram-se na zona muito antes da colonização portuguesa. No decurso do século XX, outros grupos originários de diferentes localidades da Região de Cacheu e de outras regiões da Guiné-Bissau (Biombo, Tombali, etc.), do Senegal (Região da Casamance) e da Guiné-Conacri chegaram a esta zona. A história recente de Pelundo também é marcada por partidas com destino a outras regiões do país, à sub-região (Casamance, Dakar e Gâmbia), ao resto da África e na direção de alguns países da Europa do Oeste (em particular a França).

As primeiras partidas datariam do fim do século XIX. Tratava-se fundamentalmente de uma **migração interna com destino às regiões de Bolama, Quinara e Tombali**, reputadas pela sua riqueza em látex, um produto muito valorizado para a exportação na época. Pessoas originárias de Pelundo acabaram por instalar-se definitivamente nestas regiões.

**No começo do século XX, uma nova onda de emigração terá início, tendo como principal destino a baixa e média Casamance (Senegal).** Nessa época, cada família devia pôr os membros mais ativos da família à disposição para os trabalhos forçados (1 ou 2 vezes por semana) e para os trabalhos campestres do régulo (igualmente 1 ou 2 vezes por semana). Esta situação deu origem a partidas em direção à Casamance, onde as pessoas originárias de Pelundo distinguiram-se no cultivo da mancarra.

**A partir da Casamance, os imigrantes de Pelundo emigrarão para a Gâmbia e Dakar, de onde partirão mais tarde para a Europa do Oeste e os Estados Unidos, entre o fim do século XIX e o começo do século XX.** O primeiro migrante de Pelundo para o Ocidente, Mesba Dole, teria chegado aos Estados Unidos em 1900 e, em seguida, à França em 1913. Na sua chegada à França, Mesba Dole encontrará uma comunidade de migrantes de Pelundo ali instalada há alguns anos. Essas pessoas de Pelundo chegaram à Europa graças ao seu trabalho como marinheiro nas embarcações de comércio no porto de Dakar. Alguns irão instalar-se definitivamente e trarão progressivamente os membros de suas famílias deixados em Dakar, Ziguinchor, etc. Até os anos 80, a França será, assim, o principal país de acolhimento de migrantes de Pelundo na Europa. Frequentemente a partir da França, eles espalharam-se progressivamente para outros países, como Portugal, Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra e Holanda.

De Dakar, os migrantes de Pelundo chegarão, além disso, a **outros países africanos** como Angola, Cabo-Verde, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Argélia, Gabão, etc. Esta migração intra-africana terá duas formas, em função da destinação. As migrações para o Marrocos e a Mauritânia (principalmente em Nouadhibou) tinham um carácter temporário, pois estes países eram, ao menos até recentemente, zonas de trânsito para a Europa do Oeste. Nos outros países de emigração em África, os migrantes de Pelundo irão instalar-se como trabalhadores, sem necessariamente prever chegar até a Europa.

Estas dinâmicas migratórias e de instalação em diferentes regiões da África e da Europa do Oeste foram acompanhadas pelo surgimento de diversas associações de pessoas originárias de Pelundo no mundo, tendo elas nomeadamente o objetivo de manter a coesão social entre as pessoas de Pelundo e os seus descendentes, assim como as ligações com o território de origem dos seus antepassados. Surge, assim, uma comunidade **multi-localizada**. Pelundo localiza-se, desde então, entre Pelundo, Bolama, Quinara, Ziguinchor, Banjul, Rouen e Marselha e vive principalmente através da **circulação** de seus originários e afiliados.

Fontes: Monografia da Secção de Pelundo (Grdr, 2009) e Lambert (2008).

## 2.4. Jovens cada vez mais numerosos, uma força de trabalho presente

Esta circulação ilustra a integração de Cacheu à sub-região (ver também a parte “economia”), fazendo com que os cálculos e a interpretação dos números sobre a “migração” sejam difíceis.

### CAIXA 5 – Retratos de migrantes sazonais originários de Varela Iale. O vinho de palma...

*A., 44 anos, casado.* A partir de 1987, ele começou a ir para Cacheu durante as estações de pesca. Em seguida, em 1991, iniciou viagens para a Gâmbia para a colheita e a produção do vinho de palma, de dezembro a maio, o que durou 6 anos. O objetivo era ajudar os seus pais: uma parte do dinheiro que ganhava servia para pagar os lavradores da família, comprar arroz para a casa e tabaco para o seu pai. A outra parte do seu ganha-pão ele utilizava para si (saídas). A cada vez que partia, ele levava consigo o arroz da produção familiar para o seu consumo. Ele encerrou este tipo de migração quando se tornou chefe de família.

*C., 34 anos, casado.* Ele começou a migração sazonal há um ano (2014) em Canchungo para a colheita e a produção do vinho de palma. O motivo da sua partida foi uma dívida adquirida para tratar problemas de saúde, que ele não tinha condições de pagar. Em Canchungo, ele é hospedado na casa do seu primo, que é produtor de vinho. Ao chegar até ali, ele pediu aos habitantes a autorização para explorar as palmeiras. Ele poderia produzir o vinho em Iale, mas estar longe da sua tabanca permite-lhe concentrar-se apenas na sua atividade, o que também traz-lhe mais lucros, pois a venda de vinho é melhor em Canchungo. Ele pretende utilizar os rendimentos do vinho para construir uma casa em Iale.

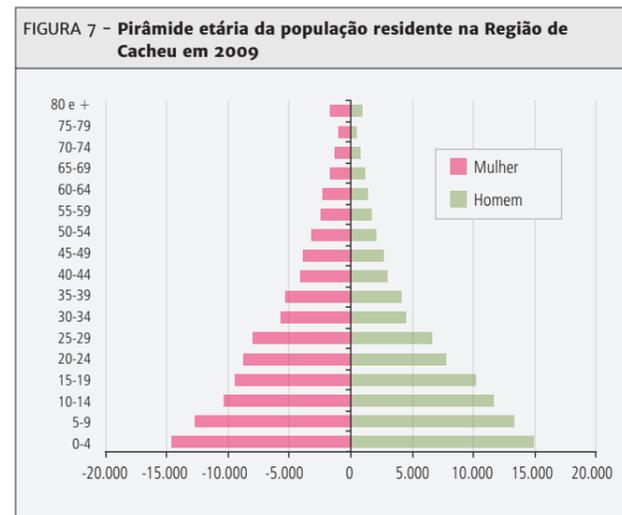
*B.D., 34 anos, solteiro.* Migrante sazonal há 5 anos em Cabrousse (baixa-Casamance), onde colhe e produz vinho de palma. Ele parte em busca de dinheiro para ajudar o seu pai (que está doente) com as despesas de saúde e o pagamento dos lavradores, além de guardar um pouco de dinheiro para as suas despesas pessoais (saídas, festas, etc.). O mercado de vinho de palma é maior em Cabrousse e o produto se escoar melhor. Ele regressará depois da colheita do arroz. Em Cabrousse, ele hospeda-se na casa de parentes.

Fontes: Inquérito do Grdr (2015).

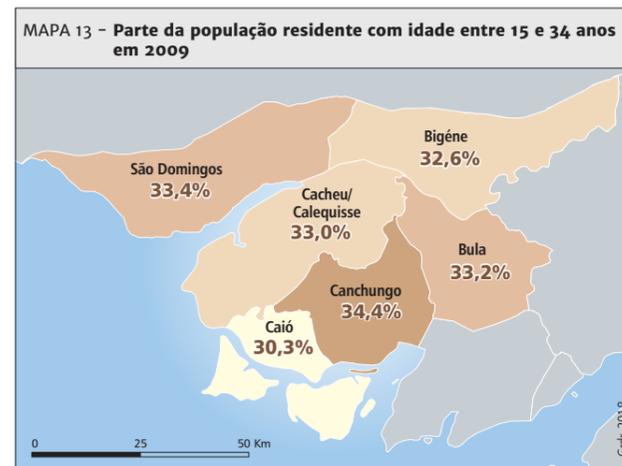
Segundo o censo de 2009, os jovens com menos de 20 anos representam 53% da população residente na Região de Cacheu (Figura 7). Esta categoria provavelmente nunca foi tão grande quanto hoje, tanto em valor absoluto quanto relativo.

A categoria de 15 a 35 anos representa 33% da população residente (mapa 13). Na escala dos sectores, podemos observar taxas ligeiramente superiores do que a média regional, onde a duração da escolarização pode ser mais longa (com a existência de um liceu, como em Canchungo), ou inferiores, como em Caió.

A forte presença de jovens representa, sem dúvida nenhuma, um recurso essencial para o futuro do território, mas traz, ao mesmo tempo, diversas questões, como a criação de uma oferta escolar adaptada e a integração económica dos jovens ativos.



Fonte: RGPH, 2009.



Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Dados sobre a população: INEC – Censos 2009.

## 2.5. Uma região sob forte influência urbana

Em 2009, a região tinha apenas quatro cidades<sup>6</sup>: Canchungo, Cacheu, Bula e São Domingos. Assim, a população urbana não ultrapassa oficialmente 20%, o que explica porque a Região de Cacheu é qualificada como região rural.

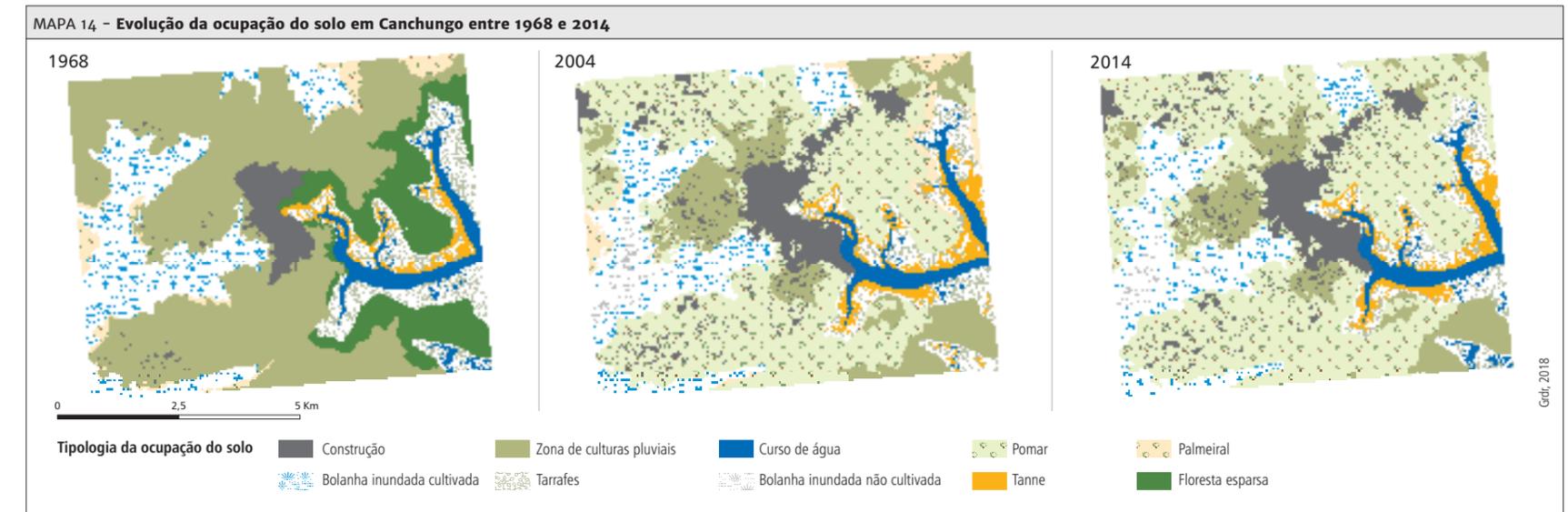
Todavia, a influência urbana sobre a Região de Cacheu é muito grande devido, em particular, ao facto de que Bissau (500.000 habitantes, capital do país) e Ziguinchor (250.000 habitantes) se encontram a menos de 2 horas para a maioria dos habitantes da região. As dinâmicas de circulação, evocadas anteriormente, confundem as fronteiras entre o meio rural e o meio urbano.

Ao analisar os dados do RGPH de 2009, três polos principais de urbanização aparecem (cf. Mapa 10, acima): Canchungo, que tem na sua periferia ao menos três localidades cuja população hoje em dia provavelmente ultrapassa 5.000 habitantes, o eixo São Domingos/Bigéne, que possui várias localidades em crescimento e, por fim, Bula.

O crescimento urbano traduz-se por uma extensão horizontal das construções e das infraestruturas, orientada e limitada pela configuração de uma rede hidrográfica onipresente. Em Canchungo (Mapa 14), essa extensão é delimitada em torno do eixo rodoviário que liga o centro da cidade à tabanca de Pelundo (nordeste), bem como o sul da cidade. Paralelamente, observamos uma densificação dos bairros existentes, visível, por exemplo, pela multiplicação das construções de extensão das habitações principais. As autoridades administrativas lotearam recentemente a zona de árvores frutíferas entre o rio Babok e o eixo Canchungo/Pelundo (leste da cidade), o “Bairro Novo”, para facilitar e organizar os projetos de construção.

A densificação urbana resulta no surgimento de novas necessidades, nomeadamente em termos de saneamento. Várias OSC intervêm nesta área.

6. Localidade com mais de 5.000 habitantes, segundo a legislação da Guiné-Bissau.



Fontes: Grdr – Universidade de Ziguinchor, Estudo da evolução do solo em cerca de 20 localidades dos sítios piloto, 2016.



# MEIO NATURAL

## EM RESUMO

- A região, cujo relevo é pouco acentuado, vive sob a **influência do litoral**. O rio Cacheu, ao norte, e o rio Mansoa, ao sul, estão entre os seus cursos de água emblemáticos. A **rede hidrográfica**, alimentada pelas marés e precipitações, **ocupa um terço da superfície regional**.
- Cacheu tinha, em 2015, 130.000 hectares de tarrafes, ou seja, **um terço dos mangais do país**, uma superfície superior em 50% à área medida no começo dos anos 90. O Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu, com 40.000 hectares de mangais, foi criado em 2000 com o objetivo de preservar este **ecossistema que beneficia tanto as populações ribeirinhas e habitantes do parque, quanto atores externos**. O parque é conhecido por hospedar uma grande quantidade de espécies haliêuticas, notadamente os camarões, que são em seguida capturados em alto mar, principalmente por pescadores europeus e asiáticos.
- Nas zonas de planalto, localizadas fora da influência direta das marés, a paisagem evoluiu consideravelmente nas 3 últimas décadas, devido ao **crescimento demográfico e ao desenvolvimento exponencial das plantações de cajueiros**. O aumento das plantações de cajueiros, que ocupam até 50% da superfície de terras de algumas tabancas, contribuiu para o **empobrecimento da biodiversidade e a diminuição dos palmeirais**. **As árvores ainda estão, todavia, presentes por toda a paisagem**.
- Uma reserva de **petróleo offshore** foi descoberta na zona marítima partilhada entre o Senegal e a Guiné-Bissau. Além disto, uma mina de **areias pesadas**, localizada na zona de Varela, foi explorada durante alguns anos, até 2012. As consequências ambientais negativas que a exploração desses recursos minerais geraria e as dificuldades do Estado em redistribuir as suas vantagens fiscais em prol dos interesses gerais da população, estão entre os argumentos que não defendem a exploração desses recursos, ao menos a curto prazo.
- A **pluviometria anual varia de 1.400 a 1.800 mm**, distribuídos em cerca de 90 dias de chuvas, concentrados nos meses de julho, agosto e setembro. Deste modo, ela seria levemente mais alta do que nos anos 80, mas permaneceria, entretanto, irregular. **A elevação do nível do oceano**, fenómeno cuja velocidade acentuou-se durante o século XX, terá, sem dúvida alguma, efeitos sobre o meio.

### 3.1. Uma região litorânea, de mangais...

A Região de Cacheu caracteriza-se por suas baixas altitudes (0 a 75 metros) e um relevo pouco acentuado. Esta configuração permite que as águas do Oceano Atlântico penetrem a cada maré alta nos rios que entrecortam o território: o rio Cacheu, ao norte da região, e o rio Mansoa, ao sul, assim como todos os rios secundários que se conectam a eles. Estes rios constituem uma rede que ocupa um terço da superfície regional (1.722/5.175 km<sup>2</sup>). A influência das marés é sentida em toda a região (Mapa 15).

O nível e a salinidade das águas dos rios evoluem ciclicamente em função da força das marés e das estações. O nível de salinidade baixa à medida que avançamos na estação chuvosa (de junho a outubro), devido às reposições de água doce, e aumenta quando as chuvas param (a partir de novembro).



Fontes: Divisões administrativas: (SALB)/OCHA, ROWCA 2008; localidades: GPC - Ministério do Interior, data desconhecida; MNT: ASTER Global Digital Elevation Model (ASTER GDEM). Denominação dos cursos de água e dos outros elementos físicos: Ministério do Ultramar - Serviços Cartográficos do Exército, Guiné Portuguesa 1: 50 000, a partir de 1953. Rede hidrográfica: OCHA ROWCA (<https://data.humdata.org/dataset/guinea-bissau-water-courses>) e Ministério do Ultramar - Serviços Cartográficos do Exército, Guiné Portuguesa 1: 50 000, a partir de 1953.

Noutros tempos vias de transporte importantes, estes rios são ricos em recursos haliêuticos: camarões (em particular no rio Cacheu), tilápias, tainhas, etc. Eles são, além disso, frequentemente beirados por tarrafes, “árvores anfíbias” conhecidas por hospedar numerosas espécies de animais e vegetais e por sua grande capacidade em armazenar CO<sub>2</sub>. Depois do aparecimento do conceito de serviço ecossistêmico e do desenvolvimento de uma economia do carbono, nos anos 2000, os tarrafes, mais conhecidos como “mangais”, passaram a receber uma atenção especial.

A Guiné-Bissau é o país com a maior superfície de mangais no mundo com relação à sua superfície total<sup>7</sup>. Dos 350.000 hectares de mangais que o país tinha em 2015, 130.000 (o que corresponde a mais de 35% do total) estariam localizados na Região de Cacheu. A riqueza do meio ambiente levou à criação de um parque natural no norte da região (Caixa 6), espaço que abriga sozinho 40.000 hectares de tarrafes (*Rhizophora racemosa*, *Avicennia africana* e *Laguncularia racemosa*).

Este espaço é, desde tempos antigos, ordenado pelo homem, que o utiliza em particular para o cultivo do arroz. O ordenamento consiste, em primeiro lugar, na construção de um dique de cintura, seguido do desmatamento, queimada e retirada das raízes dos tarrafes que se encontram no espaço assim protegido da água dos rios. Em seguida, há um trabalho de parcelamento e de barragem dos canais alimentados pelas águas das chuvas, quando estas penetram no perímetro ordenado. Paralelamente à conceção desses ordenamentos, que visam gerir as entradas e saídas das águas dos rios e a barragem ou a drenagem das águas da chuva, variedades de arroz selvagem foram progressivamente domesticadas, criando “arroz africanos”. O leque de variedades de arroz africanos foi enriquecido, desde o século XV, pela introdução das variedades ditas asiáticas.

A tipicidade das paisagens das bolanhas de mangal e a originalidade do sistema de cultura ali praticado, no limite entre a água doce e a água salgada, marcou fortemente os observadores externos à região.

Os solos das zonas inundáveis são, de forma clara, predominantemente argilosos e estão submetidos a fenómenos de acidificação e de salinização que os habitantes do meio valorizam (salicultura) ou tentam regular nas bolanhas. A água doce trazida pela chuva, permite lixiviar os primeiros centímetros do solo no começo do ciclo pluvial.

As entradas de água salgada na estação seca permitem, quanto a elas, regular os fenómenos de acidificação.

As superfícies de tarrafes, que regrediram de 1978 a 1990, tiveram, desde então, um crescimento regular, a tal ponto que a superfície atual excederia a área estimada no fim dos anos 70 (Figura 8).

#### CAIXA 6 - O Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu

Criado em 2000, através do Decreto nº12/2000, de 4 de dezembro de 2000, o Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu é a zona com a maior concentração de mangais de toda a África do Oeste (PAN/LCD, 2010). Ele se estende por 886,15 km<sup>2</sup>, ou seja, 17% do território regional (cf. mapa na introdução). Ele é essencialmente composto por tarrafes (68% da sua superfície). Estes mangais constituem um ecossistema fundamental para as populações ribeirinhas, que obtêm deles uma parte importante dos seus recursos, mas também para atores externos à região. A título de ilustração, até 12 toneladas de carbono por hectare de mangal podem ser fixadas por ano, o que contribui para a atenuação da mudança climática (Twilley et al. 1992).

Através desta reserva natural, a Região de Cacheu também dispõe de uma rica variedade de espécies protegidas. Com efeito, ela é um dos principais centros de observação de pássaros ao nível mundial. Estes sítios ornitológicos abrigam um grande número de aves migratórias na região (248 espécies de pássaros identificadas em 2014 por um estudo do UICN).

O PNTC concentra, ainda, importantes sítios naturais de refúgio e de reprodução de diversas espécies de peixes, moluscos e crustáceos, notadamente os camarões, uma espécie com grande importância económica para as populações ribeirinhas, mas também para os pescadores estrangeiros.

Além desta fauna aviária e aquática, o parque abriga várias espécies raras e protegidas de mamíferos, como o Hipopótamo (*hippopotamus amphibius*), o Peixe-Boi (*trichechus senegalensis*), o Crocodilo-do-Nilo (*crocodylus niloticus*) e o Crocodilo-Anão (*crocodylus tetrapis*), o Golfinho-Corcunda-do-Atlântico (*sousa teuszii*) e o Golfinho-Roaz (*tursiops truncatus*), a Gazela-Pintada (*tragelaphus scriptus*) e o Macaco Verde (*cercopithecus aethiops*) (UICN, 2008).

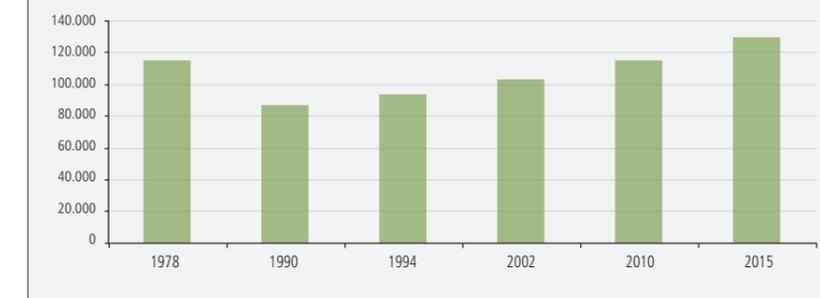
Recentemente, o PNTC coordenou um trabalho participativo de delimitação de zonas de pesca e elaborou um regulamento diferencial, de acordo com os rios e a origem dos pescadores. Os pescadores alóctones (originários da região) beneficiam, assim, de um acesso privilegiado a este recurso.

Fonte: Website do IBAP.

A tendência regressiva observada durante os anos 80 explica-se pela conjuntura de diversos factos. Por um lado, pela estabilização e o retorno de várias pessoas às suas tabancas de origem após a libertação do país<sup>8</sup> e, por outro, pela evolução do regime pluviométrico. A queda e a irregularidade das precipitações marcaram esse período, afetando a salinidade das águas e dos solos e, por conseguinte, a ocupação do solo nas zonas inundadas. Desde os anos 90, a pluviometria apresentaria uma retomada e seria, principalmente, menos irregular do que nos anos 80. Além disso, o declínio relativo da orizicultura de mangal, explicável pela dureza da atividade e o desenvolvimento de uma alternativa (a castanha de caju), favoreceu, desde então, a recolonização de algumas bolanhas por tarrafes.

Observamos, todavia, a persistência de uma pressão relativamente forte sobre a madeira de tarrafes no âmbito local, principalmente nas zonas de fumagem de produtos haliêuticos (ver parte IV).

FIGURA 8 - Evolução das superfícies de tarrafes na Região de Cacheu de 1978 a 2015



Fontes: Segundo Temudo & Cabral (2017).

7. A superfície de mangais representava mais de 10% da superfície nacional em 1990.

8. A Guerra de Libertação durou de 1960 a 1973. Ela corresponde, assim, a um “abandono agrícola” de cerca de 15 anos, o que explica a forte progressão de zonas de pousio/florestas no planalto e de tarrafes na zona inundável. Além disso, a situação observada em 1978, somente 4 anos depois do fim da guerra, revela-se excepcional. A regressão da classe “floresta seca densa” (cuja maioria corresponde, sem dúvidas, às zonas de pousio) marca a retomada da atividade agrícola e, com ela, de práticas de desmatamento e queimada no planalto, enquanto a regressão da classe “tarrafes” marca a retomada da orizicultura de mangal.

## 3.2. ... de palmeirais e de pomares

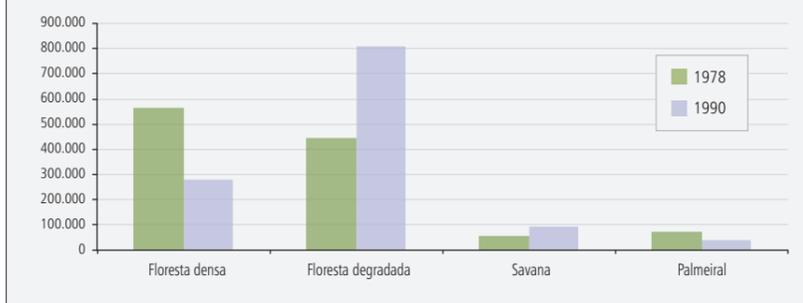
A montante da curva de nível está localizado o que chamamos normalmente de “planalto”. Esta parte, que concentra a maior parte das infraestruturas e habitações, é considerada como uma zona de floresta. Na realidade, os usos deste espaço são diversos: agricultura pluvial, pecuária, caça, colheita, etc. Os solos são, em geral, limosos-argilosos.

Por fim, na junção entre o planalto e as zonas inundáveis, encontra-se uma “zona de transição”, com um baixo desnível, que é utilizada de forma similar ao planalto. Em certas localidades, é nesta zona que se concentram os palmeirais, a horticultura, os viveiros das bolanhas de mangal, etc.

### CAIXA 7 – Diversidade dos territórios das tabancas e do seu grau de litoralidade

Nas tabancas da Região de Cacheu, as zonas de planalto, de transição e de mangal são utilizadas de modo complementar pelos produtores. Contudo, a quantidade relativa das superfícies de planalto com relação às superfícies inundáveis pelas marés varia fortemente de um território a outro<sup>9</sup>. Este coeficiente simboliza, de certa forma, o grau de litoralidade.

### FIGURA 9 – Evolução das superfícies (ha) de recursos florestais na Região de Cacheu, na zona de planalto, de 1978 a 1990



Fonte: Diombera (1999).

A análise da dinâmica dos recursos florestais no planalto mostra tendências comparáveis às levantadas para as zonas de tarrafes: observamos um claro declínio da categoria “floresta densa” entre 1978 e 1990, em benefício das categorias “floresta degradada” e “savana”, fenómeno que pode ser atribuído à retomada das atividades agrícolas (figura 9).

Os poucos trabalhos recentes que permitem compreender as dinâmicas de ocupação do solo na zona de planalto desde os anos 90 concluem que há uma clara progressão da classe “espaço arborizado” (Cabral & Costa, 2017; Grdr, 2017). Esta conclusão explica-se, acima de tudo, pela extensão das plantações de cajueiros, observada nos últimos 20 anos (ver parte IV). A progressão das plantações de árvores frutíferas ocorre em detrimento das superfícies pluviais cultivadas (ou seja, das classes de pousio e das culturas pluviais). Assim, ela comprova indiretamente a regressão da prática de desmatamento e queimada, conhecida nos anos 50 por seus efeitos nefastos<sup>10</sup>.

A implantação de pomares densos, prática que diminui o crescimento de gramíneas e, assim, o trabalho com a monda, resulta num empobrecimento da biodiversidade e favoriza o envelhecimento e a regressão dos palmeirais.

## 3.3. Os recursos não renováveis: petróleo e areias pesadas

Uma importante reserva de petróleo offshore foi descoberta nas águas territoriais comuns entre o Senegal e a Guiné-Bissau, que planeiam explorá-la conjuntamente (ver mapa na introdução e Grdr, 2017). Além disto, uma mina de areias pesadas na zona de Varela, utilizada para a produção de minerais raros, como a ilmenita, o zircónio e o rutílo, foi explorada até 2012, quando um decreto presidencial cancelou a permissão concedida.

A exploração de tais recursos e os resultados ambientais negativos que ela inevitavelmente geraria representam uma ameaça para a grande maioria dos

habitantes da região. Ela afetaria negativamente os recursos haliêuticos, uma das bases económicas da região, enquanto as vantagens fiscais do sector teriam poucos efeitos compensatórios devido, em particular, à instabilidade política que domina a Guiné-Bissau.

## 3.4. Um difícil prognóstico climático

Durante um período recente, a pluviometria variou de cerca de 1.400 mm a 1.830 mm, com uma duração média de 92 dias a cada ano. Esta pluviometria estaria a aumentar se comparada aos anos 80 e seria, sobretudo, mais regular do que nessa época. Ela permanece, contudo, aleatória.

A elevação do nível do oceano é uma das consequências do aquecimento global, resultado de dois principais fenómenos: a dilatação da água do mar, ligada ao aquecimento da água, e o derretimento das geleiras terrestres. A elevação anual observada no século XX é de 2 mm. Segundo esta tendência, ela teria apresentado um aumento durante as últimas décadas (Quadro 4).

Esta dinâmica do nível do mar tem consequências sobre as zonas inundáveis na Guiné-Bissau. Se a sua natureza e amplitude exatas ainda estão por definir, duas delas podem ser intuitivamente deduzidas.

Esta elevação gera, principalmente, períodos de submersão mais longos e contribui, então, para influenciar o povoamento vegetal, particularmente dos mangais. Assim, os povoamentos de *Rhizophora*, espécie que resiste a períodos de submersão mais longos do que a *Avicenna*, serão provavelmente favorecidos.

Ela também tem impactos sobre o ordenamento hidráulico, em particular sobre os diques de cintura, com riscos de submersão mais frequentes, por causa da altura fixa dos diques.

A longo prazo, a elevação do nível do mar poderia também resultar numa “intrusão de água salgada”, que contaminaria os lençóis freáticos de água doce.

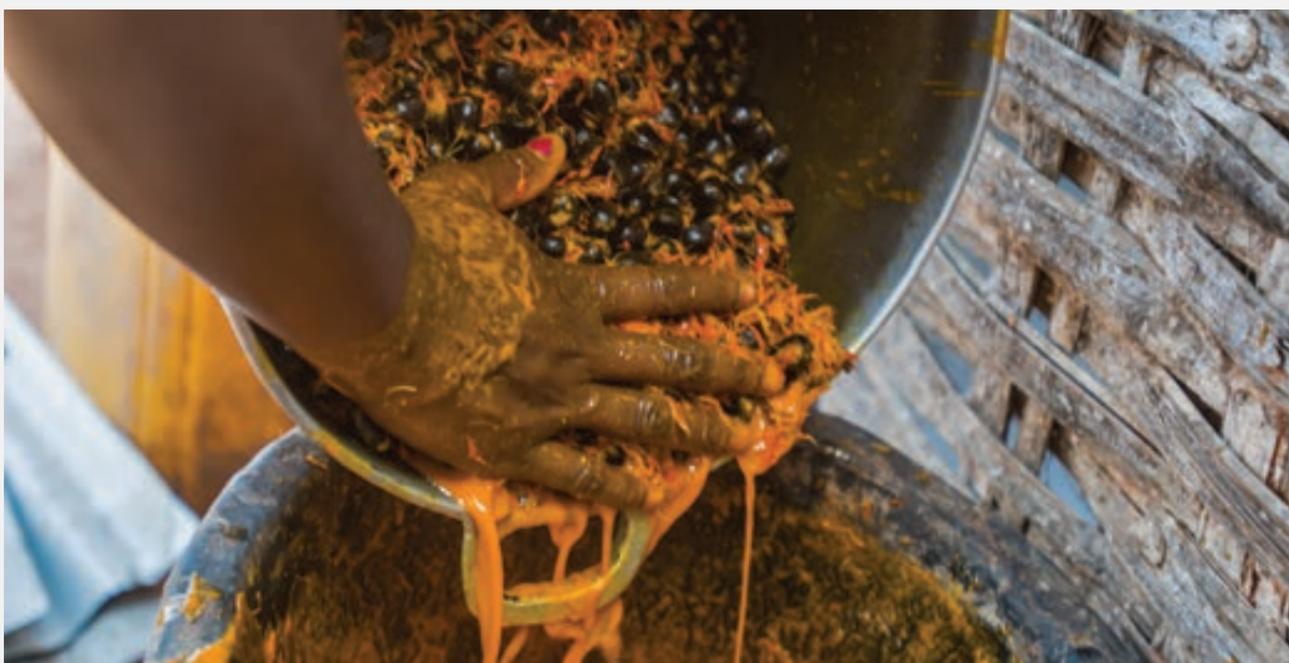
QUADRO 4 – Velocidade média da elevação do Oceano Atlântico desde 1901	
PERÍODO	VELOCIDADE MÉDIA DE ELEVAÇÃO (mm/ano)
1901-2010 (1)	1,7
1971-2010 (1)	2
1993-2004 (2)	2,67
1993-2015 (2)	3,03
2004-2015 (2)	3,49

Fonte: Réseau Action Climat.

CAIXA 8 – Dinâmica das temperaturas, da humidade do ar e da quantidade de luz solar ao longo do ano
<p><b>As temperaturas médias</b> variam pouco ao longo do ano (26 a 27°C). Em contrapartida, <b>a amplitude térmica</b> entre as temperaturas altas e baixas evolui significativamente. Ela aproxima-se dos 15°C na estação seca fria, de dezembro a fevereiro (18 a 32°C), enquanto na estação seca quente (de março a maio) e chuvosa (de junho a outubro), ela é inferior a 10°C (23 a 30°C).</p> <p><b>A humidade relativa do ar</b> aumenta de janeiro (34%) a agosto (80%) e diminui até o mês de dezembro (44%). <b>A quantidade de luz solar</b> atinge o seu máximo de março a maio (mais de 9h por dia) e o seu mínimo em agosto (menos de 4 horas), devido ao tempo nublado.</p>
<p>Fontes: <a href="http://www.guinea-bissau.climatemps.com/">http://www.guinea-bissau.climatemps.com/</a>, consultado em 22/02/2018.</p>

9. E sem dúvidas também de uma família à outra.

10. Ver os estudos de Amílcar Cabral publicados nos anos 50 sobre este assunto.



## IV. ECONOMIA

### EM RESUMO

- Cacheu ocupa o **primeiro lugar entre as regiões produtoras de castanha de caju**, com 45 milhões de toneladas de castanhas em bruto exportadas em 2015, cerca de um quarto da produção nacional. A região concentra, além disto, mais de **40% das pirogas artesanais do país** e continua a ser **a maior região produtora de óleo de palma**. Cacheu também seria **a segunda maior região produtora de cereais do país**, devido à sua produção orizícola.
- Ainda que a castanha de caju ocupe um espaço crescente na economia regional, a diversidade de produtos comercializados nas **feiras semanais** que interligam a região comprova uma **não especialização** relativa. As produções agrícolas familiares, responsáveis por quase toda a produção agro-halio-silvo-pastoril da região, estão tão ligadas às redes mercantis mundiais (castanha de caju) e sub-regionais (óleo de palma e produtos haliêuticos transformados), quanto às redes locais (pecuária, frutos domésticos e selvagens, produtos haliêuticos frescos, carvão, etc.).

## 4.1. Cacheu, uma região integrada às redes mercantis sub-regionais e mundiais

A proximidade da Região de Cacheu de portos centrais, Bissau e Banjul (Gâmbia), do mercado sub-regional de Diaobé (alta-Casamance, Senegal) e de cidades importantes (Bissau, Ziguinchor, etc.), assim como o melhoramento das infraestruturas rodoviárias, favorecem a sua integração aos fluxos sub-regionais e mundiais. Esta integração, muito antiga (Hochet, 1981; Havickn 2016), é palpável quando consideramos o movimento de pessoas (ver parte sobre a demografia) ou de mercadorias.

A região é, assim, interligada por uma rede de feiras semanais (“lumo”) dinâmicas, conectas aos fluxos comerciais nacionais e sub-regionais (Mapa 16). Em 2011, o lumo de Bula registou um volume de transações estimado, em média, em 17,5 milhões de FCFA (cerca de 27.000 euros) por dia de abertura, o que o posiciona como o mais



Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Informações sobre as feiras: ENDA, 2009; Grdr, Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu, 2015.



Fontes: Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008. Informações sobre as importações de porcos: Bock, 2015, Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu: Análise, perspectivas e principais desafios.

importante da região (Camara & Camara, 2011)<sup>11</sup>. Bigéne, especializado no comércio transfronteiriço de gado (Mapa 17 e Caixa 9), e Ingoré aparecem como dois outros mercados importantes.

As trocas comerciais dizem principalmente respeito a produtos crus: produtos da colheita selvagem (cabaceira, etc.), da agricultura (citrinos, bananas, mancarra, feijão, óleo e vinho de palma, etc.), da pecuária (aves e ruminantes) e da pesca. Esta diversidade de produtos ilustra a não especialização económica da região.

11. Segundo o estudo utilizado como referência, Diaobé, considerado como um dos principais mercados da Senegâmbia, registava um volume de transações de 24 milhões de FCFA.

### CAIXA 9 - A importância do comércio de gado na Região de Cacheu através do exemplo de uma vendedora de porcos de Canchungo

O consumo de carne permanece raro no regime alimentar dominante na região, onde os produtos haliêuticos e as leguminosas (feijões, em particular) são a base do aporte de proteínas. A carne (cabras, porcos e bovinos) é, todavia, consumida em grande quantidade durante as festas, designadamente para as cerimónias funerárias de *toca-tchur*, geralmente celebradas entre janeiro e junho de cada ano. Este mercado sazonal é alimentado, em parte, pela produção local, mas também pelas importações do Senegal e da Gâmbia (Mapa 17).

A.M., comerciante com 52 anos e moradora de Canchungo, especializou-se, desde 2009, na importação e revenda de porcos e cabras. Ela geralmente associa-se a quatro outras mulheres, moradoras de Bula e de Bissau, com as quais ela vai até as zonas de produção no Senegal (tabancas do departamento de Velingara, na região de Kolda, e de Tambacounda e Sédhieu). Esta sociedade permite-lhe comprar a grosso, obtendo assim melhores preços, e alugar uma camionete para o transporte até a Guiné-Bissau.

A.M. compra, em geral, vinte porcos por trajeto, por um valor de cerca de 160.000 FCFA. Ela explica que os seus lucros variam em função do preço da feira e dos seus riscos (em particular sanitários). No período de maior demanda, quando os preços estão mais elevados em Canchungo, ela estima obter entre 250.000 e 300.000 FCFA por viagem. Ela faz até duas viagens por mês na “alta temporada”, mas explica que os volumes escoados caem durante a estação das chuvas, período no qual ela cria porcos e cultiva.

A.M. aponta as duas principais dificuldades desta atividade. Por um lado, o domínio necessário da criação de porcos (alimentação, saúde, etc.) e, por outro, a aplicação de “taxas alfandegárias” na entrada da Guiné-Bissau, que ela considera muito altas.

A.M. diz, por fim, que graças ao comércio ela é capaz de pagar a escolarização de duas de suas filhas num estabelecimento em Bissau, onde estudam informática e turismo.

Fonte: Inquérito do Grdr, 2016.

## 4.2. A pesca, sector emblemático da integração económica de Cacheu

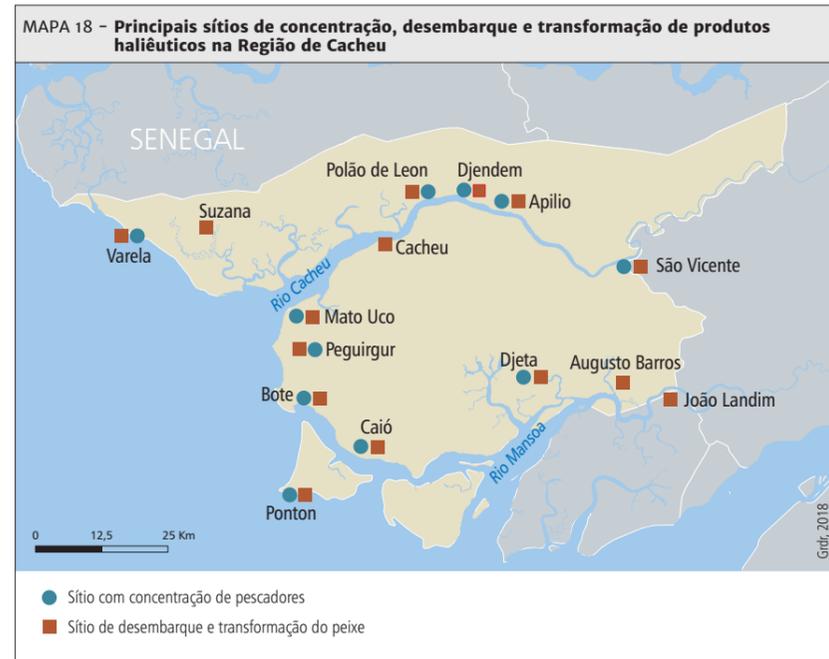
A forte demanda de produtos haliêuticos em escala local, nacional, sub-regional e mundial e a riqueza das águas litorais e “interiores” da Região de Cacheu explicam o dinamismo deste sector.

A região concentraria 40% do total de pirogas nacional, 900 das 2.400 pirogas recenseadas, e um terço dos pescadores “artesais” (2.500 dos 7.300 pescadores). Das 900 pirogas recenseadas, cerca de 200 estariam baseadas no único porto de Cacheu. Estes pescadores, em grande maioria originários da Guiné-Bissau, utilizam, em geral, pirogas monóxilas não motorizadas e exploram, de modo sazonal (na época de saídas diárias), as águas “interiores” ou localizadas próximas da costa (UEMOA, 2016).

Em mar aberto, na Zona Económica Exclusiva, pescadores especializados e equipados com pirogas adaptadas a longas saídas, maioritariamente originários do Senegal, exploram as águas guineenses. Eles coabitam, algumas vezes, com armadores europeus (Espanha, França, etc.) e asiáticos (China, Coreia do Sul, etc.). Enquanto a pesca dos atores senegaleses é essencialmente destinada ao mercado local ou sub-regional, os atores europeus e asiáticos visam os seus mercados domésticos (Grdr, 2017).

Segundo uma estimação da UEMOA, 60% da pesca dos pescadores artesanais moradores da Região de Cacheu seria vendida fresca nas feiras locais e 35% seria transformada, em geral com a técnica de fumagem. Não menos do que 15 sítios de transformação foram recenseados na região em 2017 (Mapa 18). Varela está entre os mais importantes (Caixa 10).

A colheita e a transformação de mariscos, em particular as ostras de mangal, feita por mulheres da região, também têm um peso significativo, tanto no plano alimentar quanto no plano económico para o território regional.



Fontes:  
Divisões administrativas: (SALB)/OCHA, ROWCA 2008; localidades: GPC – Ministério do Interior, data desconhecida.  
Dados sobre as atividades haliéuticas: Inquérito do Grdr, 2017.

**CAIXA 10 – D.B., produtora de métorah em Varela Madina e comerciante**

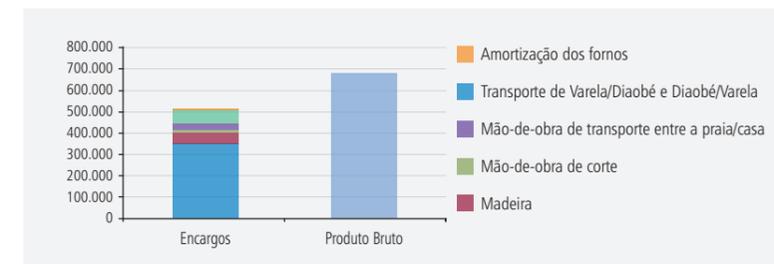
D.B. produz peixe fumado seco, chamado de métorah. A fumagem é uma técnica de conservação, de tratamento dos produtos da pesca, que consiste em aplicar uma fumaça obtida pela combustão incompleta da madeira. Esta fumaça contém um grande número de substâncias colorantes, odorantes, redutoras e antimicrobianas, que acrescentam certas qualidades organolépticas aos produtos e asseguram uma boa conservação.

O métorah é um peixe totalmente fumado, não salgado e desidratado. O bagre (*Arius latiscutatus*) fumado é a espécie mais apreciada e mais cara nas feiras. A fumagem do bagre é feita após a retirada da bexiga, vendida à parte depois de seca, enquanto as outras espécies são fumadas sem pré-tratamento.

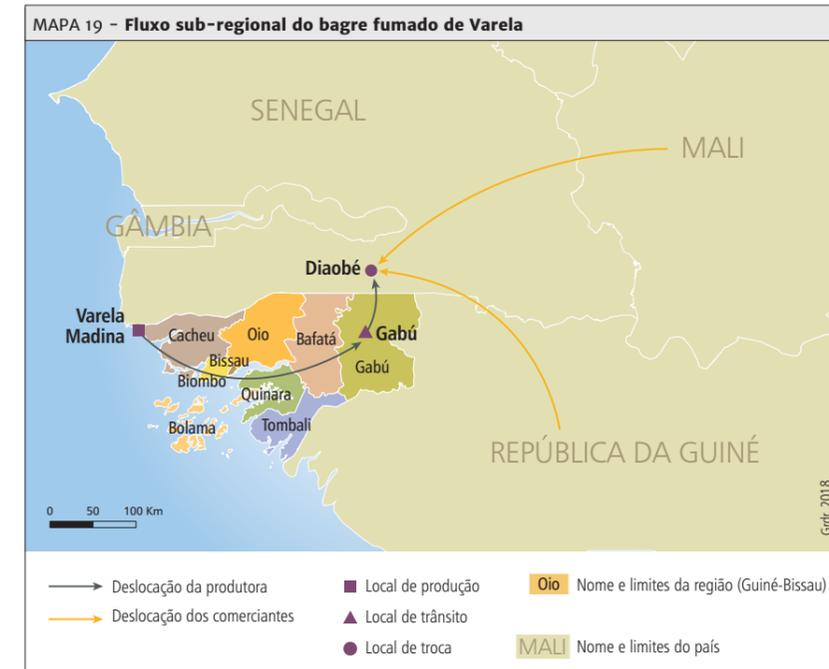
O bagre é comprado por lotes na praia de Varela Madina. Depois de limpo, ele é transportado até os fornos de D.B., construídos próximo ao seu domicílio. As compras de peixe são feitas durante 7 dias, até a obtenção de 1.350 kg de bagre fresco. O bagre é fumado em fogo baixo durante 3 a 5 dias, de acordo com o tamanho do peixe. Esta prática permite que D.B. obtenha 450 kg de peixe fumado.

D.B. contacta grossistas do Mali e da Guiné-Conacri, com quem tem relações há muitos anos, e vai de Varela até o mercado regional semanal de Diaobé (Região de Kolda, Senegal), passando por Gabú (Mapa 19). Ele regressa à Varela 4 dias depois.

O seu rendimento líquido por viagem é estimado em 160.000 FCFA (o que corresponde a 250 euros), o equivalente a 10 sacos de 50 kg de arroz quebrado importado. Esta atividade necessita, não obstante, de um capital circulante de mais de 500.000 FCFA, uma grande soma no contexto local, que equivale ao preço de 3 bovinos adultos.



Segundo uma síntese do IDEE Casamance (2016). Caixa retirada de Grdr (2017).



Fontes:  
Divisões administrativas: OCHA ROWCA 2008.  
Informações sobre as redes de venda: Inquérito do Grdr, 2016.

### 4.3. Cacheu, em primeiro lugar entre as regiões produtoras de castanha de caju e de óleo de palma

A produção de castanha de caju e de óleo de palma está entre os outros sectores económicos importantes da região.

Segundo as estatísticas do Ministério do Comércio, a Região de Cacheu produziu em 2015 em torno de 45.000 toneladas de castanha de caju, o que corresponde a cerca de 25% da produção nacional (200.000 toneladas). 80% dos agregados familiares da região produziram castanha de caju, ainda que a produção se concentre nos sectores de Canchungo e São Domingos.

Este desenvolvimento, iniciado há cerca de 20 anos, explica-se por diversos fatores.<sup>12</sup>

A progressão de plantações de cajueiros em substituição do sistema de culturas pluviais (cereais pluviais // mancarra // mancarra // pousio de 5 a 7 anos), noutros tempos dominante, deve-se, em grande parte, à evolução do mercado da mancarra, cujos preços caíram a partir dos anos 80 e, em menor escala, a uma queda dos rendimentos, imputável à densificação demográfica (crise de fertilidade). O crescimento demográfico (+40% entre 1991 e 2009) e a atribuição de concessões fundiárias a ponteiros citadinos no início dos anos 90 são dois outros motores do desenvolvimento do caju (Chéneau Loquey, 1995). A plantação de árvores frutíferas, estratégia de proteção fundiária muito conhecida, justifica-se plenamente dentro do contexto de insegurança fundiária para as produções familiares e através do objetivo de geração de renda com poucos investimentos de capital e trabalho. Em seguida, a cultura do cajueiro integrou-se bem ao calendário da grande maioria de produções familiares da região, pois esta cultura mobiliza mão-de-obra de fevereiro (para a limpeza dos arredores das plantações) a junho (para a colheita), período onde o calendário de atividades é relativamente vazio. Por último, a produção de castanha de caju é menos sensível às variações pluviométricas do que as culturas pluviais inundadas.

12. A produção nacional teria aumentado numa escala de 7 no espaço de 20 anos.

Além disso, apesar das grandes flutuações de preço (com aumentos e quedas) e os efeitos às vezes perversos do sistema criado pelos exportadores de castanha de caju, a plantação de cajueiros representa um dos melhores investimentos a fazer, ainda mais porque a Região de Cacheu tem fronteiras com o Senegal, onde os preços propostos foram superiores em 20% aos da Guiné-Bissau nos últimos anos.

Ainda que o fenómeno acarrete diversas questões (concorrência do espaço, empobrecimento da biodiversidade nas zonas secas, tendência - suposta - à monocultura, endividamento de certos produtores devido às práticas dos comerciantes, etc.), este sector representa a base económica de inúmeras famílias da região (**Caixa 11**).

#### CAIXA 11 - Síntese de um estudo de referência sobre os “pequenos produtores” de castanha de caju nas regiões de Oio e Cacheu

Os produtores são, em grande maioria, homens com ao menos 40 anos de idade. O tamanho das suas plantações varia de 0,5 a 8 hectares. A idade média das árvores é de cerca de 20 anos. A variedade dita local é cultivada por todos, enquanto a variedade dita de Moçambique é cultivada por 70% deles. Os cuidados com as plantações representam um largo trabalho: produção de plantas por sementeira, plantação com forte densidade para diminuir o trabalho de monda (cerca de 700 pés por hectare) e manutenção, frequentemente limitada à periferia da plantação. Os rendimentos médios são estimados em 800 kg/ha para cerca de 210 homens/dia de trabalho, do qual mais de 3/4 são consagrados à colheita.

Na escala dos sistemas de produção, a **plantação de cajueiros mostra-se muito complementar a outras atividades agrícolas como, por exemplo, a orizicultura inundada**.

Primeiramente, em termos de espaço, pois as plantações de cajueiros estão implantadas nas zonas secas e “altas”, enquanto as bolanhas estão instaladas nas zonas inundáveis e “baixas”. Em seguida, em termos de calendário, pois os picos de trabalho das atividades ligadas às plantações de caju e à orizicultura inundada não se superpõem. Em termos de tesouraria, poderíamos mesmo evocar uma verdadeira sinergia entre as duas culturas, as entradas monetárias da venda de caju permitem, diretamente ou indiretamente, financiar as culturas iniciadas a partir de junho e julho, nomeadamente os trabalhadores agrícolas que são empregados onde a mão-de-obra familiar carece de apoio, em troca de um pagamento com parte da colheita.

Em contrapartida, nas zonas secas, ditas de “planalto”, a extensão das plantações de cajueiros faz concorrência com outras culturas anuais e perenes. A instalação de plantações de cajueiros é feita, geralmente, após o desmatamento, a queimada e o posio arbustivo, no qual frequentemente outras árvores de interesse são conservadas (nomeadamente as palmeiras de extração de óleo de palma). Os cajueiros são semeados, num primeiro momento, em associação com culturas pluviais: arroz pampam nos dois primeiros anos e, em seguida, outras culturas pluviais menos exigentes (mancarra, feijão frade, etc.). Os cajueiros começam a produzir, em média, a partir dos 4 anos. À medida em que eles crescem, as possibilidades de associação com culturas pluviais se restringem. A sombra dos cajueiros não permite mais que as outras árvores, como as palmeiras, regenerem-se “naturalmente”. Além disso, os produtores geralmente observam uma queda da produtividade de vinho e de óleo de palma, devido à concorrência exercida pelos cajueiros. Os cajueiros sufocam o resto da vegetação.

Esta concorrência pelo espaço, que vale para as tabancas com maior densidade populacional, é relativa em outras. Assim, segundo uma análise de imagens aéreas feitas em 10 localidades das regiões de Oio e de Cacheu, o espaço ocupado pelos pomares (cajueiros, mangueiras e citrinos) geralmente não ultrapassa 30% da superfície das zonas secas. Devemos levar em conta que todos os produtores declararam ter aumentado a superfície dos seus pomares nos últimos anos e que 90% deles desejam continuar a aumentá-la.

Mais da metade dos produtores dizem conseguir negociar “de igual para igual” com os intermediários. Eles escoam, para mais de 80% deles, uma parte da sua produção através de um sistema de trocas (adiantamento em troca da colheita) por arroz, cimento ou outros materiais de construção e uma outra parte por dinheiro. Os rendimentos oriundos do caju são utilizados para a compra de alimentos, mas também para investimentos mais ou menos duradouros: telhado de zinco, escolarização dos filhos, saúde, etc. **A venda de castanha de caju constitui a sua principal fonte de recursos monetários**. Todavia, os produtores são pouco especializados: todos cultivam outras culturas, 85% criam animais, etc.

A colheita de castanha de caju gera um acréscimo importante de mão-de-obra proveniente das zonas rurais, mas também de cidades da Guiné-Bissau ou do sul do Senegal. Esta mão-de-obra é, em geral, remunerada com a produção, um terço do volume colhido. É provável que muitos alunos e estudantes financiem uma parte dos seus estudos e projetos através desta atividade sazonal.

Os intermediários entre os produtores e os exportadores supervisionam, quanto a eles, o ensacamento, o transporte e o armazenamento temporário dos sacos. Com o objetivo de assegurar o seu abastecimento, eles adiantam, geralmente com produtos, o montante de uma parte da colheita desde os meses de fevereiro e março, 2 a 3 meses antes da colheita. O rendimento da sua atividade é supostamente aleatório, pois eles assumem a maior parte dos riscos do mercado. Assim, em 2016, os exportadores consideraram que o preço estava muito alto e decidiram não comprar tudo. Cerca de 20.000 toneladas, 10% da produção nacional, teria sido armazenada à espera de um possível comprador. Esta situação ocorreu devido ao facto de que os 10 maiores exportadores controlam mais de 50% da exportação, enquanto os 33 outros operadores fazem o trânsito da outra metade.

Fonte: Segundo Manga e Grdr (2016). Caixa retirada de Grdr (2017).

O desenvolvimento das plantações de cajueiros na Região de Cacheu deve-se provavelmente ao facto de que esta região é, de longa data, reconhecida como uma zona exportadora de “produtos rentáveis”, principalmente oleaginosos: nos anos 80, Cacheu era a origem da metade das exportações nacionais de óleo de palma e de 15% das exportações de mancarra (**Figura 10**), nomeadamente graças a uma rede mercantil nacional e transfronteiriça bem consolidada.

#### CAIXA 12 - Importância económica e alimentar do óleo de palma vermelho

O óleo de Cacheu é essencialmente oriundo de palmeiras selvagens (*Elais guineensis*), cuidadas pelos produtores, e de práticas de colheita, de maturação e de transformação das nozes de palma, que variam de uma localidade à outra. Ao falar da diversidade de terras e de modos de transformação, não podemos deixar de citar o mundo do vinho. O óleo de palma joga um papel económico importante, com uma produção média anual que varia de 50 a 200 litros por produtora e uma função alimentar primordial, pois ele aporta nutrientes essenciais como a vitamina E.

O pico da produção ocorre, geralmente, de janeiro a abril. Os cachos colhidos por homens jovens, remunerados por quantidade produzida (100 FCFA por cacho) são estirados no solo e cobertos durante 7 dias sob as folhas das palmeiras. Os frutos são, em seguida, separados dos cachos, cozidos no fogo à lenha (num grande recipiente metálico) e pilados manualmente. O óleo é então extraído e condicionado em bidões de 20 litros. Todas estas tarefas são feitas, geralmente, em 5 dias e mobilizam um adulto (mulher) e uma mão-de-obra de apoio (crianças). Cerca de 60 cachos são necessários para a obtenção de 25 litros de óleo.

Como a madeira usada é autoproduzida, apenas a remuneração dos colhedores, a renovação do material (pouco onerosa) e, em certos casos, o pagamento de taxas e de transporte implicam em saídas de recursos financeiros. O óleo é vendido nas feiras locais, para indivíduos ou recolhedores. O preço de compra direto da produtora é, em geral, de 1.000 FCFA por litro. Ao transformar 60 cachos, uma produtora obtém um rendimento líquido de pouco mais de 15.000 FCFA (gráfico adiante). Numa estação de 3 meses, uma produtora pode obter um rendimento líquido de 120.000 FCFA (200 euros), às custas de um duro trabalho manual. Podemos agregar, nas localidades onde os caroços (nozes) dos frutos são triturados e transformados em óleo de palmiste, a produção e a venda de sabão.

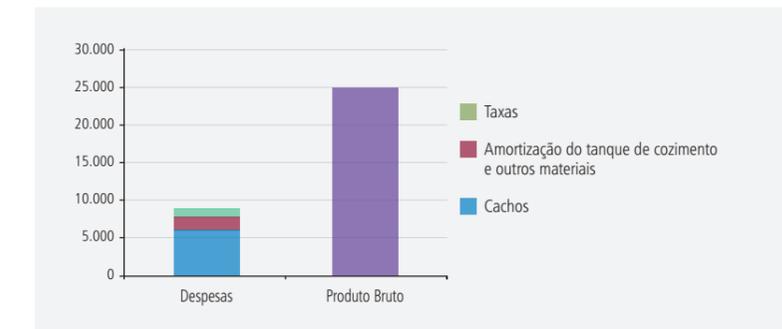
Uma parte dos vendedores de óleo de palma das principais feiras da cidade de Ziguinchor (Tilène, Boucoute e Néma) abastecem-se no *lumos* de São Domingos, Ingoré (Região de Cacheu), Bafatá (Região de Gabú), Yarang (Região de Sédhiou) ou Diaobé (Região de Kolda) e/ou, em certos casos, diretamente nas tabancas de produtores (Balantacounda - departamento de Goudomp, etc.). Eles vendem, a retalho para indivíduos de Ziguinchor ou para grossistas oriundos das regiões de Thiès e Dakar, volumes mensais que variam de 300 a 700 litros, com um lucro bruto de, em média, 20%.

Mesmo se os palmeirais sofrem atualmente com a concorrência das plantações de cajueiros e da pressão demográfica, o óleo de palma vermelho ainda tem um papel alimentar e económico importante na Região de Cacheu (**Caixa 12**). O óleo de Cacheu, em particular o que é produzido em Djolmette, é muito famoso nas feiras locais e, por isto, também é exportado para o país vizinho, o Senegal (**Mapa 20**).

Os preços do óleo de palma vermelho estão a aumentar, independente da origem, mas o óleo proveniente da Guiné-Bissau vende-se até 20% mais caro do que o “óleo de Diaobé”, frequentemente produzido através de uma mistura de óleos de diferentes origens e qualidades. A cor, a viscosidade e o gosto são os critérios de apreciação mais comuns entre os consumidores. O óleo de Cacheu, de cor vermelha escura, ou quase preta, que não coagula e “não cola na garganta”, é o mais apreciado. Na Região de Cacheu, o óleo oriundo de localidades como Djita ou Djolmette tem, particularmente, uma boa reputação.

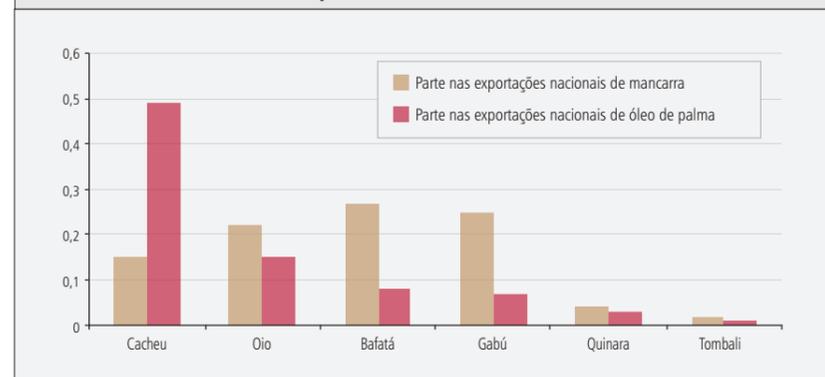
O consumo mensal de uma família de Ziguinchor é de cerca de 5 litros. O óleo entra na preparação de pratos como o caldo, o *fiteuf* ou a *sopa de candja*. Ele também é utilizado por certas pessoas para fins medicinais.

Os palmeirais apresentam dinâmicas variáveis na Região de Cacheu, mas estão, em geral, em regressão devido à concorrência com as plantações de cajueiros.

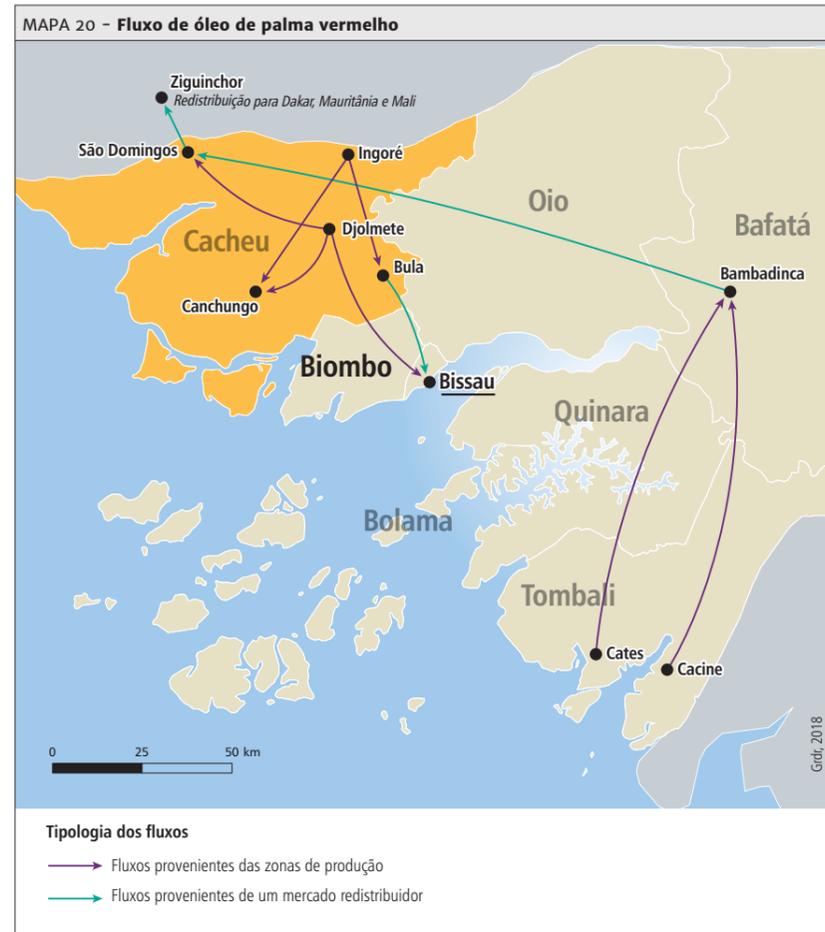


Fontes: Inquérito do Grdr, 2016. Caixa retirada de Grdr, 2017.

FIGURA 10 – Contribuição das diferentes regiões da Guiné-Bissau para as exportações de mancarra e de óleo de palma no início dos anos 80



Fonte: García-Zamor & al. (1987).



Fontes:  
Divisões administrativas: (SALB)/OCHA ROWCA 2008. Localidades: GPC – Ministério do Interior, data desconhecida.  
Dados sobre os fluxos: Grdr – Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu: Análise, perspectivas e principais desafios, 2015.

#### 4.4. Economias domésticas diversificadas e de baixo impacto ambiental negativo

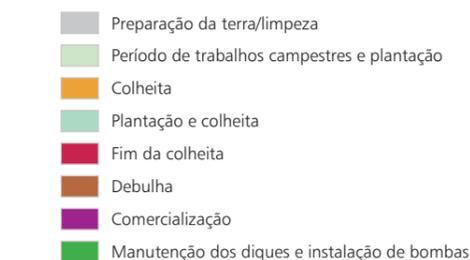
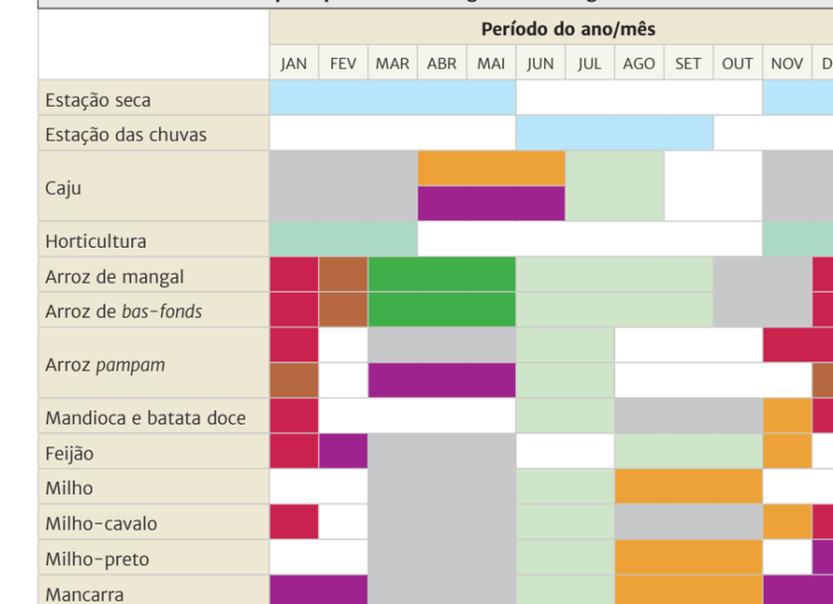
O calendário das “principais atividades agrícolas” realizadas na região apresenta uma boa ilustração do facto de que, apesar do grande e rápido desenvolvimento das plantações de cajueiros, a economia regional permanece diversificada (Figura 11). Às atividades agrícolas descritas neste calendário, podemos agregar a pecuária, a pesca e, frequentemente, atividades comerciais (cf. caixas acima e Figura 12).

A economia local apresenta-se, globalmente, racional e tem pouco impacto ambiental negativo. Os sistemas de produção agrícolas, amplamente dominados por produções familiares, associam frequentemente a agricultura, a arboricultura e a pecuária. Com exceção dos sistemas de horticultura irrigada, eles são quase autônomos em insumos e baseiam-se em práticas com um carácter agroecológico: rotações e associações de culturas, associação de árvores e culturas anuais, cercamento de animais para a fertilização com o esterco, etc. O desmatamento e queimada, prática muito difundida noutros tempos, apresenta uma regressão, devido ao aumento das plantações de árvores frutíferas e à densificação da população. A onipresença de árvores na paisagem (pomares no planalto e tarrafes nas zonas inundáveis) faz com que esta agricultura apresente um balanço de carbono evidentemente positivo.

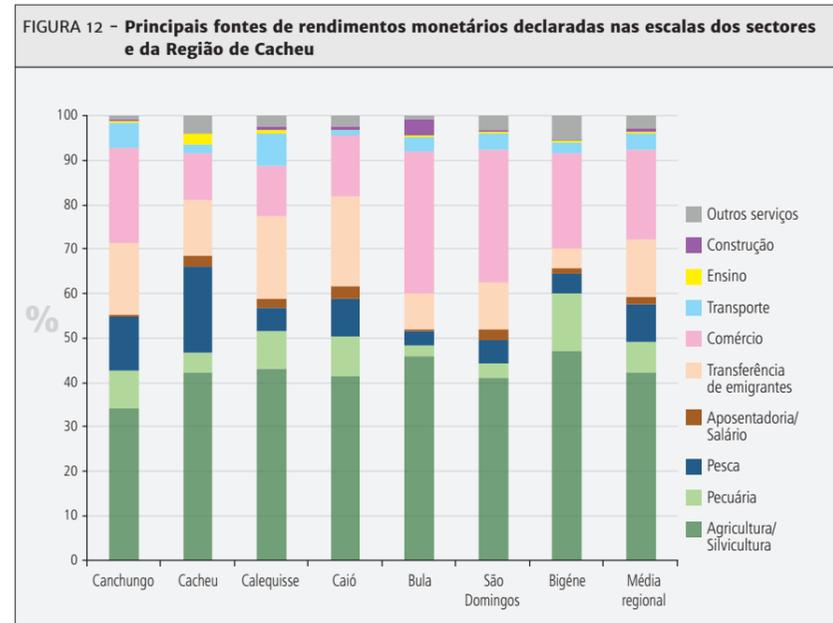
Segundo a “comissão temática da agricultura”, a produção agrícola pluvial é dominada, em termos de superfície, pela orizicultura, principalmente a orizicultura inundada, praticada em água doce (*bas-fonds*, em 23.000 hectares) ou salgada (mangal, em 38.000 hectares). O arroz pampam (18.000 hectares cultivados em 2017) apresentaria uma tendência regressiva, devido ao aumento de plantações de cajueiros. Cacheu seria, assim, a segunda região produtora de cereais do país, devido à diversidade dos sistemas de cultura orizícolas praticados (Quadro 5).

Apesar das verdadeiras dificuldades pedoclimáticas, dos riscos sanitários, das flutuações dos mercados e das desigualdades de acesso aos meios de produção, em particular aos recursos fundiários, a economia da maior parte das famílias da Região de Cacheu mostra-se potencialmente resiliente, devido, em especial, à sua não especialização.

FIGURA 11 – Calendário das principais atividades agrícolas na Região de Cacheu



Fonte: FAO e Direção Regional de Agricultura, 2017.



Fonte: Bock, 2015.

**QUADRO 5 – Os sistemas de cultura orizícolas praticados na Região de Cacheu e algumas das suas características**

PARTES DO ECOSISTEMA	SISTEMA DE CULTURA ORIZÍCOLA DOMINANTE	OUTRAS CARACTERÍSTICAS
<b>Mangal</b>	<b>Arroz//Arroz</b>	Sistema praticado em planícies ordenadas inundáveis: desmatamento da floresta de tarrafes e represamento primário e secundário. Influência da água salgada (marés) e da água das chuvas. Gestão coletiva da água da chuva e das entradas e saídas de água salgada.
<b>Bas-fond</b>	<b>Arroz//Arroz</b> <b>Arroz//horticultura<sup>(1)</sup>//arroz//horticultura</b> (+ árvores: palmeiras, etc.)	Sistema praticado nas depressões inundáveis nas estações chuvosas. Rotação frequente com as culturas hortícolas nas estações secas. Presença de árvores, notadamente de palmeiras. Transplante em camaleões de plantas cultivadas em viveiros. Trabalho exclusivamente manual.
<b>Planalto</b>	<b>Arroz//mancarra//mancarra//pousio</b> (+ árvores: faroba, mangueiras, etc.)	Gestão e parcelas individuais. Sistema de cultura com a técnica de desmatamento, queimada e pousio (3 a 7 anos) dominante. Rotação comum com a mancarra. Associação possível com o feijão, etc. Frequentemente associado a árvores. Sementeira “a lanço”. Trabalho exclusivamente manual.

(1) Também cultivos de recessão: batatas doces.



# V. TRÊS DESAFIOS PARA A REGIÃO DE CACHEU

## EM RESUMO

- Na **área da saúde**, observamos que a taxa de mortalidade infantojuvenil, estimada em 96‰ em 2014, é três vezes menor do que nos anos 80. Em paralelo, novas patologias, como o HIV-SIDA e a hipertensão arterial, expandiram-se. As estruturas de saúde públicas, que enfrentam muitos problemas de recursos e de gestão, agem frequentemente com o apoio de atores não estatais (ONG, associações da diáspora, movimentos religiosos, etc.) e privados (farmácias). A curto prazo, as duas prioridades levantadas seriam um apoio a campanhas de **prevenção das principais patologias** e às **estruturas de saúde transfronteiriças** localizadas no Senegal, em complemento dos esforços realizados pelas estruturas regionais.
- Na **área da educação**, observamos que a taxa de analfabetismo caiu de 79% para 51% entre 1991 e 2009. Os níveis de educação são, contudo, considerados baixos. Além disto, as taxas de repetição e de abandono escolar, estimadas respectivamente em 25% e 8% no ano de 2014/2015, revelam verdadeiras dificuldades. O número, o perfil e as condições de trabalho dos professores, dos quais cerca de 55% não são qualificados, assim como os recursos e as infraestruturas disponíveis, explicam em grande parte esta situação. Neste contexto, é imprescindível **trabalhar no desenvolvimento de uma oferta de formação útil à aquisição de conhecimentos de base**. Todas as iniciativas que visam melhorar as condições de trabalho dos professores e dos alunos devem, deste modo, ser fomentadas. Em seguida, seria coerente **apoiar as estruturas educativas “transfronteiriças”** implantadas no território senegalês, num contexto mais estável do que o da Guiné-Bissau. Por fim, seria conveniente apoiar o **desenvolvimento de uma oferta de formação profissional** adaptada aos contextos local, nacional e sub-regional.
- Na **área agro-hálio-silvo-pastoril** seria pertinente apoiar três eixos estratégicos. Primeiramente, o desenvolvimento de uma **abordagem qualitativa para a castanha de caju**, que permitiria **proteger os rendimentos dos produtores**. Em seguida, uma forte advocacia pela livre **circulação das produções locais** (em escala nacional ou, se possível, em conjunto com a baixa-Casamance), que são muitas vezes ilegalmente taxadas. Por último, um apoio a todos os dispositivos capazes de **regular, em concertação e idealmente de modo equitativo, o acesso aos recursos produtivos**: terra, água, recursos haliêuticos, etc.

## 5.1. Melhorar a oferta e o acesso aos serviços de saúde: o apoio à prevenção e à mobilidade transfronteiriça a curto prazo; a questão dos recursos e da gestão a longo prazo

### Panorama das principais patologias na Região de Cacheu

A Região de Cacheu ocupa o quarto lugar na classificação da mortalidade infantojuvenil (MIJ) do país: 96<sup>o</sup>/1000. Esta taxa ainda é elevada, mas ela é três vezes menor do que há 30 anos, segundo a UNICEF. Esta clara diminuição contribui para explicar o crescimento demográfico.

O paludismo explicaria, em grande parte, a continuidade de uma taxa elevada de MIJ, ainda que a região apresentasse, em 2014, a taxa mais alta de famílias que dormiam com um mosquito impregnado de inseticida (34% segundo o inquérito do MICS de 2014). Assim, o paludismo é a primeira causa de consultas médicas nas estruturas de saúde pública. Em 2014, 1.782 crianças com menos de 5 anos e 4.290 com mais de 5 anos. As doenças ligadas à higiene (em particular da água) e as suas consequências (diarreias, desidratação, etc.) são provavelmente a segunda origem das consultas.

Estimamos que as mulheres grávidas e os seus filhos consultam mais frequentemente os serviços de saúde de base do que no passado. No ano de 2016, a região registou em torno de 22.000 consultas pré-natais, 30.000 para as crianças com menos de 5 anos e 32.000 para as com mais de 5 anos.

Em 2012, o Segundo Inquérito Nacional sobre o Estado Nutricional das Crianças Menores de 5 anos e Mulheres em Idade Reprodutiva (15 a 49 anos) na República da Guiné-Bissau, revelou também que a Região de Cacheu tem a menor taxa de crianças de 6 a 59 meses que sofrem de desnutrição aguda (2,7%). Além disso, a percentagem de aleitamento materno das crianças com idade entre 0 e 5 anos era a mais alta do país: 76,9%.

Todavia, desde os anos 80, enquanto a saúde materna e infantojuvenil melhorava, novas patologias apareceram, como o HIV-SIDA ou a hipertensão arterial, que pode principalmente ser explicada pela evolução dos modos de vida (consumo alimentar, sedentarização, etc.).

### Serviços de saúde pública com muito poucos recursos para lidar com as consequências das evoluções demográficas e sanitárias

O sistema sanitário regional é subordinado à organização geral do sistema nacional de saúde pública. A Guiné-Bissau tem 11 regiões sanitárias. O seu sistema de saúde, de tipo piramidal, possui três níveis: central, regional e periférico. O nível central (hospitais nacionais) define as grandes orientações e a planificação nacional, o nível regional (hospitais regionais) é encarregado da planificação, da micro-planificação, da implementação e do seguimento das atividades regionais. Quanto ao nível periférico, ele é o primeiro ponto de contacto com os pacientes. Ele compreende, em todo o território nacional, 114 áreas sanitárias com 123 centros de saúde, 7 de tipo A (centros médicos com sala de operações), 8 de tipo B (centros médicos), 108 de tipo C (centros de saúde geridos por um -a enfermeiro-a) e 701 unidades de saúde comunitárias geridas por agentes de saúde e matronas.

A reestruturação do Ministério da Saúde, em 2009, integrou a região sanitária de São Domingos à área de saúde de Cacheu. O hospital regional *Buota Na Fantchama*<sup>13</sup> de Canchungo faz parte dos 5 hospitais regionais do país reconhecidos como funcionais. A região tem, além disso, 124 USC (**Quadro 6**).

13. Antigo combatente da Guerra de Libertação. Este nome foi dado pelo falecido presidente Nino Vieira.

ÁREAS SANITÁRIAS	NÚMERO DE USC
Varela	8
Suzana	10
São Domingos	10
Sedengal	10
Barro	5
Bigéne	7
Bula	11
Canchungo	7
Cacheu	11
Calequisse	14
Carenque	0
Batucar	0
Caió	7
Pelundo	5
Pecixe	6
Bara	3
Ingoré	9
Jeta	0
Có	1
<b>Total</b>	<b>124</b>

Fonte: Direção de Saúde da Região de Cacheu, 2017.

O diagnóstico realizado em 2017 pela comissão temática da saúde apontou as lacunas deste sistema.

Primeiramente, como mostra o mapa apresentado na primeira parte deste documento, o efetivo de funcionários afetados a essas estruturas é muito insuficiente para atender às necessidades dos habitantes da região. Em seguida, estes funcionários apresentam, em geral, más condições de trabalho:

- Condições de remuneração desmotivadoras (falta de regularidade e baixo nível).
- Infraestruturas e material de trabalho degradados: a maior parte das USC não é funcional, apenas 5 ambulâncias com capacidade de funcionamento estão à disposição de toda a região, o hospital regional carece de um sistema de refrigeração, etc.
- Insuficiência da Central de Compras de Medicamentos Essenciais (CECOME).
- Orçamento muito baixo. Por exemplo, em janeiro de 2017 o hospital regional recebeu um montante de 72.000 FCFA (uma centena de euros).
- O coeficiente de médicos/pacientes e enfermeiros/pacientes é estimado em, respetivamente, 1/8.700 e 1/2.800.

Este sistema está, em resumo, degradado, como a maior parte dos serviços públicos da região. Os esforços feitos pelas ONG e agências, especializadas (VIDA, EMI, UNICEF, etc.) ou não (ADPP, etc.), além das associações de migrantes, para apoiar este dispositivo público permitem que um serviço mínimo seja mantido localmente e de acordo com a conjuntura, mas não são capazes de solucionar os problemas estruturais da saúde pública.

### Uma oferta privada de saúde diversificada, mas pouco controlada

Nesse contexto, a oferta privada tende a desenvolver-se, facilitada pela insuficiência de controlo dos prestadores de serviços de saúde.

Os movimentos religiosos, notadamente as missões cristãs, intervêm na área da saúde. No total, não menos do que 7 postos de saúde religiosos foram criados por

missionários católicos e evangélicos na região. A sua estrutura e o seu serviço são frequentemente de melhor qualidade do que os das entidades públicas. Além disso, a Missão Católica de Bula dispõe de um centro de recuperação nutricional.

**As farmácias privadas**, cuja abertura é submetida à autorização do Ministério da Saúde, ocupam um espaço importante no sistema sanitário da Região de Cacheu, sobretudo porque elas oferecem certos medicamentos em falta nas estruturas públicas. O seu abastecimento é essencialmente feito a partir do Senegal (Ziguinchor, Dakar, Kaolack, etc.) e, em menor escala, da França e de Portugal. As condições de higiene e de armazenamento também são melhores do que nas estruturas públicas.

Apesar do importante papel que as farmácias privadas desempenham em termos de acesso aos medicamentos, a cobertura regional é relativamente fraca: em 2017, a região possuía 21 farmácias privadas, distribuídas de modo desigual (**Quadro 7**), para uma população estimada em mais de 220.000 habitantes.

**Curandeiros**, que frequentemente associam a fitoterapia com cerimónias espirituais, também propõem serviços na região.

Por fim, novos movimentos religiosos de inspiração pentecostal e evangélica afirmam terem poderes de “cura miraculosa” e encontram seguidores em meio aos habitantes da região.

**Uma oferta transfronteiriça no território senegalês**, tanto de atores públicos quanto privados, pode ser agregada a esta oferta de saúde regional. O hospital regional de Ziguinchor atende regularmente os habitantes da Região de Cacheu.

CANCHUNGO	BIGÉNE	BULA	SÃO DOMINGOS	CACHEU	CALEQUISSE	Total
6	5	4	3	2	1	<b>21</b>

Fonte: Direção de Saúde da Região de Cacheu, 2017.

## 5.2. A escolarização na Região de Cacheu: enfrentar os desafios do crescimento demográfico e do aumento da taxa e da duração da escolaridade

### Alunos cada vez mais numerosos

O número total de alunos na Região de Cacheu era de 68.235 (31.381 meninas e 36.854 meninos) no ano escolar de 2015/2016. Este número está a aumentar devido aos efeitos do crescimento demográfico e do aumento da taxa de escolarização, duas tendências que devem continuar a curto prazo. Também podemos observar uma outra forte tendência: o prolongamento da duração da escolaridade, o que gera um grande fluxo de alunos nos poucos estabelecimentos de ensino secundário da região (ver adiante a caixa sobre o Liceu de Canchungo).

### Uma oferta de escolarização em alta, mas qualitativamente e quantitativamente insuficiente e distribuída de modo desigual

Esses alunos estão distribuídos nos 308 estabelecimentos de ensino concentrados nos sectores de Bigéne, Canchungo e São Domingos (**Mapa 21**). 166 estabelecimentos têm um estatuto público, 54 são privados<sup>14</sup> e 88 comunitários<sup>15</sup>. As escolas públicas acolhem a maioria dos alunos (50.919 alunos, cerca de 75% dos efetivos).

Entre 2014 e 2016, o número de professores do ensino básico e secundário ultrapassou o dobro, passando de 939 a 2.040<sup>16</sup>. Trata-se, maioritariamente, de professores não qualificados (55% dos docentes do ensino básico e secundário não seriam qualificados).

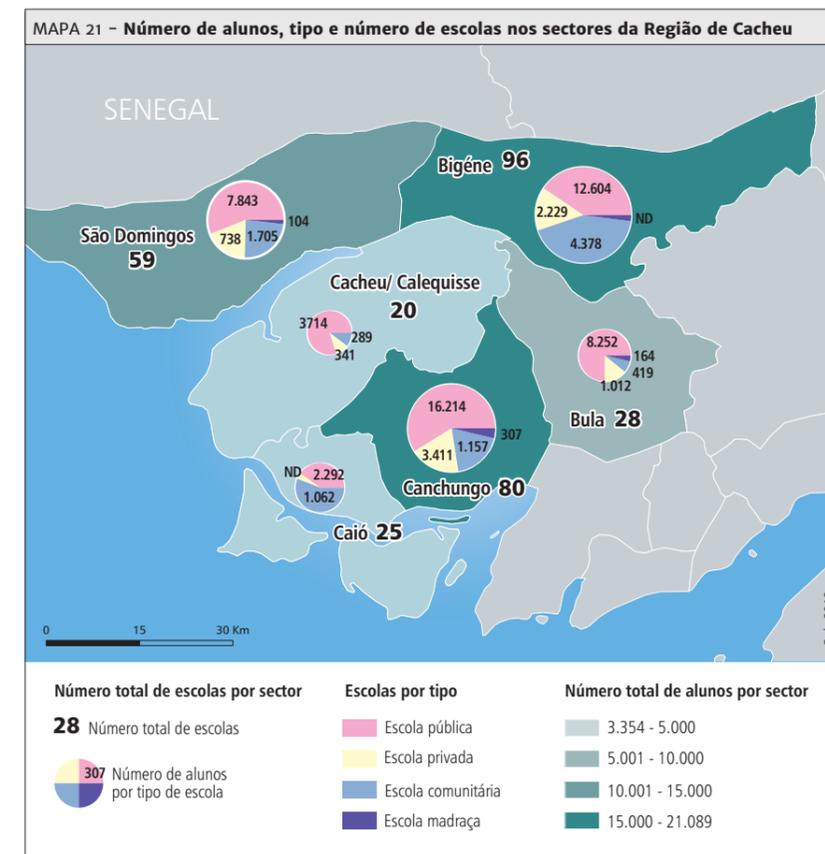
Canchungo concentra a maior parte dos estabelecimentos superiores: a Direção Regional de Educação, o Liceu Hô Chi Minh (**Caixa 13**), o único liceu público da região, e estabelecimentos privados, dos quais alguns são bem reputados localmente (escola privada católica Professor Antero Sampaio, SOS Criança, etc.).

### Neste contexto, quais são as ações prioritárias a curto prazo?

Dois eixos de intervenção foram levantados a partir dos contextos regional e nacional acima mencionados.

Primeiramente, um trabalho de prevenção das principais patologias que atingem os habitantes da região é imprescindível. Isto implica, nomeadamente, no desenvolvimento de um dispositivo de informação adaptado (idiomas, conteúdo, modalidades pedagógicas, etc.). Estruturas como a ADPP realizam este trabalho, apoiando-se notadamente nas redes, relativamente bem desenvolvidas, de rádios rurais.

Em seguida, considerando que a mobilidade regional é um dos meios que os pacientes utilizam para contornar as deficiências regionais, seria pertinente apoiar as estruturas de saúde “transfronteiriças” existentes no território senegalês, que funcionam num contexto institucional muito mais estável do que o da Guiné-Bissau.



Canchungo possui a única grande **biblioteca** da região, cuja criação teve o apoio da ONG portuguesa Afectos com Letras. Inaugurada em 2017, ela está localizada dentro do estabelecimento do Hospital Regional de Canchungo. A biblioteca tem 13.000 obras, em quase todos os domínios. Os alunos que desejam utilizá-la devem inscrever-se e receber uma carta da biblioteca.

### CAIXA 13 – Um breve panorama do Liceu Regional Hô Chi Minh

Fundado em 1974 pelo Estado, o Liceu Regional Hô Chi Minh está localizado na cidade de Canchungo. Ele oferece aulas do 7º ao 12º ano. O liceu tem atualmente 2.520 alunos (1.355 rapazes e 1.165 raparigas) e 91 professores (dos quais 3 são mulheres). Em virtude do pequeno número de salas de aula (21) em relação ao número de alunos, o liceu propõe três turnos (manhã, tarde e noite). Dentre as salas de aula do liceu, 10 estão em bom estado, 4 em estado normal e 7 estão degradadas. O liceu também possui 1 sala de professores, 1 escritório administrativo, 1 atelier de língua portuguesa, 1 sala de formação, 5 casas de banho para os professores e 5 para os alunos (2 em bom estado e 3 em mau estado).

Por fim, a **Escola Nacional de Administração de Canchungo (ENA-Canchungo)**, o único estabelecimento público de ensino superior presente na região, propõe formações de dois anos em contabilidade, administração, idiomas (francês e inglês) e informática (atualmente suspensa). Ela atrai estudantes de outras regiões do país que desejam formar-se nas disciplinas mencionadas.

### Uma oferta de formação profissional embrionária

Desde 2012, a Escola de Formação de Professores, fundada pela ADPP, formou ao menos 200 professores. Uma escola pública de formação de professores está em construção no Sector de Cacheu.

A Unidade de Produção e de Ajuda Artesanal (UPAA) foi fundada por atores locais em prol do desenvolvimento da região. Ela propõe aulas de apoio aos artesãos da região, designadamente para a confecção de panos tradicionais pintados ou tecidos, para a cestaria ou, ainda, a cerâmica.

14. 7 escolas madraças. As escolas madraças seguem o programa oficial da educação de base, mas em árabe e em português ou apenas em árabe.

15. Escolas criadas e geridas por pais de alunos, que fazem o recrutamento e arcam com a remuneração dos professores, a construção e a manutenção das infraestruturas. As associações de migrantes são particularmente ativas na criação de tais estabelecimentos.

16. Dados da Direcção Regional de Educação, 2015/2016.

A Escola Industrial de Jesus<sup>17</sup>, mais conhecida como FLAME (*Freedom Life African Ministries Emmanuel*), oferece formações em mecânica de automóveis, soldadura, informática e idiomas (francês e inglês). Desde a sua fundação, mais de 5.000 estudantes foram formados (Manga, 2016).

A fundação Fé e Cooperação (FEC, cooperação portuguesa) também intervinha na formação de professores da região. Porém, o seu programa foi encerrado no fim de 2016.

### Uma performance do ensino oficial em progressão e relativamente elevada no contexto nacional

A taxa de analfabetismo teve uma grande queda na região segundo o RGPH, ela teria passado de 79% em 1991 a 51% em 2009. Assim, Cacheu apresentava, em 2009, uma taxa de alfabetização que a colocava na terceira posição nacional, atrás do Sector Autónomo de Bissau (77%) e das Ilhas Bijagós (53%). Estas boas performances relativas devem-se a um aumento da taxa de escolarização primária.

Cacheu apresenta, além disso, um nível de instrução de base e secundário elevado no contexto nacional, respetivamente 15% e 13%, enquanto as outras regiões do país, com exceção de Bissau, apresentam taxas inferiores a 7%.

### Desafios estruturais persistentes

As taxas de insucesso e de abandono do sistema escolar são os sintomas de uma situação de crise latente do sector na região.

No ano escolar de 2014/2015, mais de 16.000 dos 64.000 alunos repetiram de ano, uma taxa de insucesso de 25%. A Direção Regional de Educação de Cacheu estimava, além disso, que 8% dos alunos inscritos nas escolas públicas teriam abandonado os estudos, por motivos económicos (cerca de 30% dos abandonos) ou, sobretudo, por falta de interesse (mais de 40% dos abandonos). **(Quadro 8)**

Esta situação explica-se por vários fatores:

- Recursos materiais e financeiros limitados. Dentre os 308 estabelecimentos da região, mais da metade não dispõe de um ponto de água em funcionamento. Das 659 salas de aula, cerca de 100 estão em mau estado. Apenas 360 latrinas em bom estado foram recenseadas. A repartição dos alunos, na maioria dos estabelecimentos, em três, quatro ou até cinco turnos é uma consequência direta desta falta de infraestrutura escolar. Em média, na Região de Cacheu, um aluno do ensino primário percorre 2 km para chegar até a escola (Sangreman, 2016).

QUADRO 8 - Motivos do abandono dos estudos pelos alunos da Região de Cacheu								
MOTIVOS DE ABANDONO	Canchungo	Cacheu	Calequisse	Caió	Bula	São Domingos	Bigéne	Média
Estudos caros	28,4	29,1	30,3	31,2	26,2	27,0	28,2	<b>28,6</b>
Trabalhos domésticos	0,9	0,9	0,8	0,7	0,5	0,8	0,9	<b>0,8</b>
Falta de interesse	40,6	44	41,2	45,7	38,5	43	42,3	<b>42,2</b>
Doença/gravidez	18,7	20,2	23,3	22,2	19,5	21,5	25	<b>21,5</b>
Outros motivos	11,3	9,9	4,4	0,2	15,3	7,7	3,6	<b>7,4</b>
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

17. Trata-se de um estabelecimento fundado pela organização cristã *West African Vocational Schools* (WAVS), com sede nos Estados Unidos.

- O número, o perfil e as condições de trabalho dos professores. Os professores não qualificados representavam, em 2016, 55% do efetivo total. Eles são, além disso, mal remunerados e recebem os seus salários de modo irregular, o que gera greves muitas vezes longas. As mudanças frequentes de direção nos estabelecimentos também não favorecem a continuidade do serviço e a capitalização dos conhecimentos adquiridos.

Neste contexto, não é surpreendente que certos alunos abandonem a sua escolarização ou deixem a sua região em busca de melhores condições de estudo. Bissau, mas também Ziguinchor (Senegal), oferecem, de diversos pontos de vista, um melhor quadro de aprendizagem.

### Neste contexto, quais são as ações prioritárias a curto prazo?

Três eixos prioritários de intervenção foram levantados a partir dos contextos regional e nacional acima mencionados.

Primeiramente, é imprescindível trabalhar no desenvolvimento de uma oferta de formação útil à aquisição de conhecimentos de base (leitura, escrita e cálculo). O grande crescimento demográfico e o aumento da taxa de escolarização implicam no apoio a todas as iniciativas de melhoramento das condições de trabalho dos professores e alunos, sejam elas desenvolvidas por atores do Estado ou não estatais (associações de migrantes, ONG, etc.). A implementação de sistemas de apadrinhamento e de cantinas escolares deve, assim, ser fomentada.

Em seguida, considerando que a mobilidade regional é um dos meios utilizados por certas famílias para contornar as deficiências regionais, seria pertinente apoiar as estruturas educativas “transfronteiriças” existentes no território senegalês, que funcionam num contexto institucional muito mais estável do que o da Guiné-Bissau.

Por fim, seria conveniente apoiar o desenvolvimento de uma oferta de formação profissional adaptada ao contexto local, nacional e sub-regional. Ela deve ser pensada em função das oportunidades económicas existentes nestas diferentes escalas, devido à grande mobilidade dos moradores de Cacheu.

## 5.3. Apoiar as produções agrícolas familiares da região: oferecer um suporte à diversificação das fontes de rendimentos, facilitar a circulação dos bens agrícolas e acompanhar os dispositivos concertados de acesso aos recursos naturais

### Cacheu, região agrícola

Os elementos apresentados na parte relativa à economia regional ressaltam a importância do sector agro-hálio-silvo-pastoril para inúmeras famílias da região. No entanto, os serviços regionais do Estado funcionam com condições tão difíceis quanto as dos seus homólogos da saúde e da educação.

Em primeiro lugar entre as regiões produtoras de castanha de caju e de óleo de palma, Cacheu concentra também uma grande parte da pesca artesanal do país (ver parte IV). Além disso, mais de 15% da produção nacional de cereais é oriunda da região, devido, em particular, à grande presença de sistemas de cultura orizícolas.

Deve-se ressaltar que as produções agrícolas familiares são responsáveis por quase toda a produção regional e que, ainda que os seus meios de produção sejam desiguais, elas partilham dificuldades comuns.

### Neste contexto, quais são as ações prioritárias a curto prazo?

Segundo os marcos do Plano Estratégico e Operacional de 2015 a 2020 (Guiné-Bissau 2025 - *Sol Na Iardi*), que prevê o melhoramento da qualidade da castanha de caju, a diversificação das exportações e produções de alimentos, o desenvolvimento da pesca artesanal, etc., seria conveniente apoiar três eixos estratégicos.

Primeiramente, o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa para a castanha de caju, que permitiria proteger (mais do que aumentar) os rendimentos dos produtores. Este apoio consistiria em conceder, através de uma organização camponesa coordenadora, um adiantamento aos pequenos produtores, que se engajariam em respeitar um manual de procedimentos de qualidade e em reembolsar este adiantamento com produtos da colheita. Esta organização camponesa poderia, assim, constituir um estoque e, paralelamente, assumir o papel de intermediário com os grossistas do sector e obter um melhor preço de venda.

Em seguida, apoiar o desenvolvimento de todos os tipos de produção (“de subsistência” ou “de rendimento”) oriundos das produções familiares. Mais do que um apoio a fileiras específicas, uma forte advocacia em escala nacional e, se possível, juntamente com a Casamance, pela livre circulação dessas produções (que são muitas vezes ilegalmente taxadas) teria, sem dúvida alguma, um efeito estimulante sobre as diversas produções escoadas nos mercados locais, nacionais e sub-regionais.

Por último, a pressão demográfica e as crescentes mobilidades sub-regionais demandam um apoio de todos os dispositivos capazes de regular, em concertação e idealmente de modo equitativo, o acesso aos recursos produtivos: terra, água e recursos haliêuticos, recursos lenhosos e não lenhosos, etc.

## BIBLIOGRAFIA

Abreu A.J. (2012) *Migration and development in contemporary Guinea-Bissau: a political economy approach*. Phd thesis. SOAS, University of London. 358 p.

ADPP (2015). *Relatório Anual 2015 Guiné-Bissau*. 36 p.

Africapolis (2008). *Dynamiques de l'urbanisation, 1950-2020: Approche géostatistique*, Afrique de l'Ouest. 104 p.

Andrieu J. (2018) *Land cover changes on the West-African coastline from the Saloum Delta (Senegal) to Rio Geba (Guinea-Bissau) between 1979 and 2015*. European Journal of Remote Sensing, 51:1, 314–325, DOI: 10.1080/22797254.2018.1432295

Associação Céu E Terras (2013). *Project de sensibilisation des jeunes et femmes enceintes sur les IST et VIH/SIDA – Guiné-Bissau*. 10 p.

Baldé B. (2013). *O Setor Financeiro e as Instituições do Setor Privado na Guiné-Bissau: descrição, estrangimentos e políticas a adotar*. 86 p.

Bayan L. (2015). *Régulo e Comité: Acertos e divergências na Secção de Suzana*. Cadernos de Estudos Africanos nº30, pp 167–185.

Beillevaire J. & Grdr (2016) *Programme d'Appui au Développement Territorial en région de Cacheu (PADETEC)*. Rapport d'étude sur les Organisations de la Société Civile en région Cacheu. 32 p. (et répertoire des OSC associé à l'étude).

Bock A. (2015). *Diagnóstico sobre a situação de base da economia local na região de Cacheu: Oportunidades de mercado e de emprego para jovens e mulheres, estrangimentos e principais desafios*. 68 p.

Borges M. (2004). *Negociando sociabilidades em meio urbano: o associativismo feminino em Bissau* (Guiné-Bissau, Africa Ocidental). 74 p.

Cabral A.I.R. & Costa F.L. (2017) *Land cover changes and landscape pattern dynamics in Senegal and Guinea Bissau borderland*. In: Applied Geography, nº82, pp. 115–126.

Camara S.T. & Camara S. (2011) *Estudo sobre os Mercados Tradicionais « Lumo » na Guiné-Bissau*. Mapeamento dos grandes mercados das Zonas Norte et Leste da Guiné-Bissau e dois mercados tradicinais no sul de Senegal. SNV. 25 p.

Chéneau-Loquay A. (1995). *Monoculture d'exportation et grands domaines en Guinée-Bissau. Une transition libérale liée au monde lusophone*, pp. 295–313.

Comité de Estado da Região de Cacheu (2007). *Plano de desenvolvimento regional*. 128 p.

Correira, A (1962) *Guiné portuguesa: população autóctone segundo os recenseamentos para fins fiscais*. In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. - Vol. XVII, nº 65 (1962), p. 57–118

CSRP (2011). *État des lieux nationaux – CEPIA. Dynamiques halieutiques et systèmes de gestion des pêches*. 34 p.

Cuq F., Madec V. & Gourmelon F. (1996) *Mise à jour de la carte d'occupation des sols des provinces côtières de Guinée-Bissau*. Mappemonde 4/96, pp. 21–26.

Da Silva B. D. A. (2010). *Urbanização na Guiné-Bissau, Morfologia e estrutura urbana da sua capital*. 111 p.

Diombera K. (1999) *Programme d'évaluation des Ressources Forestières Mondiales au Guinée-Bissau*. 31 p.

Direcção Regional de Saúde de Cacheu (2017). *Distribuição de funcionários por Categoria*. 2 p.

Gorée Institute (2012). *Systèmes de conflits et enjeux sécuritaires en Afrique de l'Ouest*. 118 p.

Grdr (2016). *Étude de référence sur la filière noix de cajou en régions de Cacheu et Oio*. 108 p.

Grdr (2011a) *Les pratiques de co-développement entre la France et la région de Cacheu – Guinée-Bissau*. État des lieux et fiches techniques. 90 p.

Grdr (2009). *Monographie de la section de Pelundo*. 68 p.

Grdr (2011). *Monographie de la section de Caio*. 61 p.

Grdr (2016). *Monographie de Suzana. Dynamiques démographiques observées durant 50 années (1976-2016)*, Apresentação PowerPoint.

Grdr (2011). *Monographie du territoire de Calequisse*. 93 p.

Grdr (2012). *Rapport narratif intermédiaire année 1. Programme d'Appui au Développement Territorial en région de Cacheu (PADETEC)*. 20 p.

Grdr (2011b) *Répertoire du co-développement. Les associations de la diaspora bissau-guinéenne en Espagne, France, Portugal, Gambie et Sénégal et les associations relais en région de Cacheu*. 272 p.

Grdr (2015). *Site pilote de Canchungo, Phase 1 des études monographiques du site pilote de Canchungo : Bilan des études menées dans les quartiers de Betame, Pendai et Tchada*. 28 p.

Grdr (2015). *Site Pilote de Diembéring-Varela. Du sable lourd, des touristes et des poissons : du foncier à la gouvernance, quels enjeux ?* 48 p.

Grdr (2016). *Situation de référence sur la filière huile de palme en région de Cacheu (Guinée-Bissau)*. 48 p.

Grdr (2017) *Un littoral en mouvement. Diversité, dynamiques et mutations des territoires frontaliers du sud-ouest du Sénégal et du nord-ouest de la Guinée-Bissau*. 140 p.

Grdr & CONGAI (2010). *Programa de Apoio às Iniciativas de Desenvolvimento Local e de Luta contra a Pobreza na Região de Cacheu*. Relatório do estudo sobre a fileira horticola em Região de Cacheu. 19 p.

Greenpeace (2011). *Des filets vides, un futur compromis. Comment la surpêche et le changement climatique accélèrent la dégradation des richesses marines en Afrique de l'Ouest*. 20 p.

GRET; IRAM (2008). *Profil sécurité alimentaire Guinée-Bissau*. 25 p.

Groupe de la Banque africaine de développement (2015). *Profil genre pays : Guinée-Bissau*. 52 p.

Havik P. (2016) *Guinea-Bissau's rural economy and society. A reassessment of colonial and post-colonial dynamics*. In: Chabal P. & Green T. (Eds.) *Guinea-Bissau. Micro-state to « narco-state »*. Hurst & Company, Londres. pp. 55–86.

Hochet A.M. (1981) *Paysanneries en attente*. Guiné-Bissau. ENDA. 174 p.

Hummelbrunner R. (1981a). *Sector de Bigéne (Região de Cacheu)*. 21 p.

Hummelbrunner R. (1981b). *Sector de São Domingos (Região de Cacheu)*. 21 p.

Initiative 5 % (2014). *Sécurisation de l'accès aux médicaments et produits médicaux nécessaires à la lutte contre le VIH/SIDA, la tuberculose et la malaria en Guinée-Bissau*. 40 p.

Lambert M. (2008) « *Réflexions sur le Multilocalisme et les Migrations Internationales au Sud du Sénégal et ailleurs* ». In: REVUE Asylon(s) nº 3 | Migrations et Sénégal.

Manga R. (2016). *Entreprises culturelles en région littorale : les pêcheurs d'hommes à Canchungo*. 67 p.

Mendes O. (2007). *Agroclimatologie de la production de l'anacardier en Guinée-Bissau*. 44 p.

Observatoire Économique et Statistique d'Afrique Subsaharienne; Instituto Nacional de Estatística – INE (2013). *Projections démographiques en Guinée-Bissau 2009-2030*. p.

OMS (2009). *Un aperçu de la stratégie de coopération : Guinée-Bissau*. 2 p.

OIM (2012). *Final report to 1035 facility, Assesment of the development potential of Guinea-Bissau diaspora in Portugal and France, Lisboa*. 121 p.

PAM (2016). *Enquête de suivi de la sécurité alimentaire et nutritionnelle en Guinée-Bissau*. 38 p. [En ligne]

PNUD (2010). *Mise à jour du Schéma Directeur de l'Eau et de l'Assainissement de la Guinée-Bissau (2010-2020)*. Plan d'actions OMD-SMDD pour l'Approvisionnement en Eau Potable et l'Assainissement (AEPA). 101 p.

Rocha Brito B. (2006). *Estudo Socioeconómico e Diagnóstico para Acompanhamento das Condições de Bem-Estar das Famílias da Região de Cacheu*. 74 p.

Secrétariat d'État aux migrations SEM (2016). *Focus Guinée-Bissau : Situation médicale à Bissau*. 41 p.

Said A. R., Cardoso L., Indjai B., Da Silva Nhaga H. (2011). *Identification et caractérisation des sites naturels sacrés côtiers et marins en Afrique de l'Ouest*. Rapport de la Guinée-Bissau. 76 p.

Sangreman (2016). *Observando Direitos na Guiné-Bissau: educação, saúde, habitação, água, energia, saneamento, justiça, meios de subsistência*. 158 p.

Secretaria de Estado do Ambiente e do Turismo (2012). *Cimeira mundial sobre o desenvolvimento sustentável*. Relatório Nacional. 26 p.

SOGUIBA. *Memória das actividades da ONGD SOGUIBA no desenvolvimento agrícola na Guiné-Bissau*. 10 p.

Temudo M. & Cabral I. (2017) *The Social Dynamics of Mangrove Forests in Guinea-Bissau, West Africa*. Hum Ecol. DOI 10.1007/s10745-017-9907-4

UICN/BRAO (2007). *Évaluation de l'efficacité de la gestion des aires protégées : Parc de Guinée-Bissau*. 35 p.

Union Économique et Monétaire Ouest Africaine – UEMOA (2016). *Enquête cadre de la pêche artisanale maritime en Guinée-Bissau – Année 2014*. 93 p.

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ce – Brasil (2010). *Análise da produção e economia do setor pesqueiro de Guiné-Bissau, costa ocidental da África*. 19 p.

UN Guinée-Bissau, UNDESA (2010). *Petits états insulaires en développement. 1er rapport national sur la mise en œuvre de la stratégie de Maurice + 5*. Zone côtière de la Guinée-Bissau. 35 p.

USAID/Guinea (2007). *Plan de développement du produit : l'anacardier (noix de cajou)*. 63 p.

### Websites consultados

· Websites de diferentes organizações das Nações Unidas: BIT, FAO, PAM, UNESCO, UNICEF, OMS.

· Website do Instituto Nacional de Estatística (<http://www.stat-guinebissau.com>).

· Documentos oficiais dos ministérios guineenses: Economia, Plano e Integração Regional; Agricultura e Desenvolvimento Rural e Saúde Pública. Disponíveis em diversos sites: Banco Mundial, OMS, etc.

## LISTA DE MAPAS, FIGURAS, QUADROS E CAIXAS

### MAPAS

MAPA 1 <b>Cacheu, uma região globalizada</b>	MAPA 12 <b>Rede rodoviária principal na Região de Cacheu</b>
MAPA 2 <b>Localização da Região de Cacheu</b>	MAPA 13 <b>Parte da população residente com idade entre 15 e 34 anos em 2009</b>
MAPA 3 <b>Os sectores da Região de Cacheu</b>	MAPA 14 <b>Evolução da ocupação do solo em Canchungo entre 1968 e 2014</b>
MAPA 4 <b>Funcionários de saúde afetados às estruturas de saúde públicas nos sectores da Região de Cacheu</b>	MAPA 15 <b>Morfologia e hidrologia da Região de Cacheu</b>
MAPA 5 <b>Funcionários afetados aos serviços de agricultura, pecuária e florestas nos sectores da Região de Cacheu</b>	MAPA 16 <b>Feiras semanais ("lumos") na Região de Cacheu</b>
MAPA 6 <b>Sítios de implantação das associações de guineenses na Europa e na África do Oeste</b>	MAPA 17 <b>Fluxo de importação de porcos do Senegal e da Gâmbia para a Região de Cacheu</b>
MAPA 7 <b>População residente nas regiões da Guiné-Bissau em 2009</b>	MAPA 18 <b>Principais sítios de concentração, desembarque e transformação de produtos haliêuticos na Região de Cacheu</b>
MAPA 8 <b>Crescimento da população nas regiões da Guiné-Bissau</b>	MAPA 19 <b>Fluxo sub-regional do bagre fumado de Varela</b>
MAPA 9 <b>Crescimento da população residente nos sectores da Região de Cacheu</b>	MAPA 20 <b>Fluxo de óleo de palma vermelho</b>
MAPA 10 <b>População residente e densidade demográfica nos sectores da Região de Cacheu em 2009</b>	MAPA 21 <b>Número de alunos, tipo e número de escolas nos sectores da Região de Cacheu</b>
MAPA 11 <b>Distribuição da população na Região de Cacheu e nos polos urbanos</b>	

### QUADROS

QUADRO 1 <b>Secções e tabancas dos sectores da Região de Cacheu</b>
QUADRO 2 <b>Crescimento demográfico médio anual em dois períodos, nas escalas da Região de Cacheu e da Guiné-Bissau</b>
QUADRO 3 <b>Tabancas da Secção de Suzana (noroeste da Região de Cacheu), fundamentalmente povoadas por refugiados do conflito na Casamance e suas origens</b>
QUADRO 4 <b>Velocidade média da elevação do Oceano Atlântico desde 1901</b>
QUADRO 5 <b>Os sistemas de cultura orizícolas praticados na Região de Cacheu e algumas das suas características</b>
QUADRO 6 <b>Distribuição das USC por Área Sanitária na Região de Cacheu</b>
QUADRO 7 <b>Distribuição das farmácias privadas na Região de Cacheu</b>
QUADRO 8 <b>Motivos do abandono dos estudos pelos alunos da Região de Cacheu</b>

### FIGURAS

FIGURA 1 <b>Organograma da administração da Região de Cacheu</b>	FIGURA 8 <b>Evolução das superfícies de tarrafes na Região de Cacheu de 1978 a 2015</b>
FIGURA 2 <b>Principais áreas de intervenção das OSC na Região de Cacheu</b>	FIGURA 9 <b>Evolução das superfícies (ha) de recursos florestais na Região de Cacheu, na zona de planalto, de 1978 a 1990</b>
FIGURA 3 <b>Escalas geográficas de intervenção das OSC na Região de Cacheu</b>	FIGURA 10 <b>Contribuição das diferentes regiões da Guiné-Bissau para as exportações de mancarra e de óleo de palma no início dos anos 80</b>
FIGURA 4 <b>Tipologia das OSC repertoriadas na Região de Cacheu, de acordo com o número de membros declarado</b>	FIGURA 11 <b>Calendário das principais atividades agrícolas na Região de Cacheu</b>
FIGURA 5 <b>Tipologia das OSC repertoriadas na Região de Cacheu, de acordo com o orçamento anual declarado (FCFA).</b>	FIGURA 12 <b>Principais fontes de rendimentos monetários declaradas nas escalas dos sectores e da Região de Cacheu</b>
FIGURA 6 <b>Direção dos movimentos de emigração a partir de Bula, Calequisse, Djeta e Texeiro Pinto (Canchungo) nos anos 50</b>	
FIGURA 7 <b>Pirâmide etária da população residente na Região de Cacheu em 2009</b>	

### CAIXAS

CAIXA 1 <b>A CONGAI, ator pioneiro na dinâmica de federação de associações na Região de Cacheu</b>	CAIXA 8 <b>Dinâmica das temperaturas, da humidade do ar e da quantidade de luz solar ao longo do ano</b>
CAIXA 2 <b>Diversidade e unidade cultural na Região de Cacheu</b>	CAIXA 9 <b>A importância do comércio de gado na Região de Cacheu através do exemplo de uma vendedora de porcos de Canchungo</b>
CAIXA 3 <b>Hospitalidade e refúgio de um lado e de outro da fronteira: recapitulativo histórico</b>	CAIXA 10 <b>D.B., produtora de <i>métorah</i> em Varela Madina e comerciante</b>
CAIXA 4 <b>A história recente das mobilidades humanas em Pelundo ou a gênese de uma comunidade multi-localizada</b>	CAIXA 11 <b>Síntese de um estudo de referência sobre os "pequenos produtores" de castanha de caju nas regiões de Oio e Cacheu</b>
CAIXA 5 <b>Retratos de migrantes sazonais originários de Varela lala. O vinho de palma...</b>	CAIXA 12 <b>Importância económica e alimentar do óleo de palma vermelho</b>
CAIXA 6 <b>O Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu</b>	CAIXA 13 <b>Um breve panorama do Liceu Regional Hô Chi Minh</b>
CAIXA 7 <b>Diversidade dos territórios das tabancas e do seu grau de litoralidade</b>	

## LEGENDAS DAS FOTOS

### PARTE I

*P.12. da esquerda para a direita*

Reunião de concertação no bairro Bétame (Canchungo, 2014).

Taberna do bairro Bissai, gerida pela associação N'guitchënklar (Caió, 2014). Os lucros ajudam a financiar a escolarização das crianças do bairro.

Os sectores administrativos da Região de Cacheu.

### PARTE II

*P.20. da esquerda para a direita*

Alunos aguardam o recomeço da aula em frente ao Liceu Ho Chi Minh (Canchungo, 2014). Canchungo, sede do único liceu da região, acolhe adolescentes de todo o seu território.

Ponte de São Vicente sobre o rio Cacheu, inaugurada em 2009. As infraestruturas rodoviárias alcatroadas e a fronteira influenciam o povoamento da região. Fonte: <https://freewheely.com/fr/2013/07/bissau-the-cashew-republic/>, consultado em 11 de maio de 2018.

Uma rua de Bissau (2014). A maior parte dos habitantes da Região de Cacheu está a 2 ou 3 horas de estrada da capital do país. As mobilidades entre a cidade e o campo confundem as fronteiras entre a população urbana e rural.

### PARTE III

*P.30. da esquerda para a direita*

Um poilão na cidade de Canchungo (Canchungo, 2014). Árvores selvagens e cultivadas continuam onipresentes por toda a paisagem.

Vista do rio Babok na maré baixa (Canchungo, 2014). Em primeiro plano, mulheres e crianças colhem mariscos. Em segundo plano, tarrafes, palmeirais, pomares e “florestas” estão presentes por toda a paisagem.

Escavação de blocos de pedras numa pedreira de Canchungo. Os blocos são, em seguida, quebrados e revendidos por mulheres para a produção de betão (Canchungo, 2014). O crescimento demográfico e a evolução dos métodos de construção geram uma crescente demanda de materiais deste tipo.

### PARTE IV

*P.36. da esquerda para a direita*

Venda de bagre fresco próximo à portagem de João Landim, na beira da estrada alcatroada que liga Bula à Safim, na entrada da ponte sobre o rio Mansoa. Fonte: <https://freewheely.com/fr/2013/07/bissau-the-cashew-republic/>, consultado em 11 de maio de 2018.

Transformação de nozes de palmiste para condimentar o caldo (Canchungo, 2014). As palmeiras fornecem inúmeros produtos que são valorizados por diferentes famílias de colhedores. O óleo de palma vermelho de Cacheu é particularmente famoso e é exportado a centenas de quilómetros dos sítios de produção.

Ostras de mangal (rio Babock, Canchungo, 2014). Colhidas por mulheres nas raízes dos tarrafes e nas pedras durante a maré baixa, elas condimentam, frescas ou fumadas, os pratos de arroz. Os produtos haliêuticos têm um papel fundamental para a alimentação e a economia local.

### PARTE V

*P.48. da esquerda para a direita*

Farmácia construída graças ao apoio da *Association d'aide au Développement pour le Village de Caió* (Associação de Ajuda ao Desenvolvimento da Tabanca de Caió – ADVC), uma associação da diáspora criada em 1992 por pessoas originárias de Caió que vivem nas regiões de Paris e da Normandia, França (Caió, 2014). Esta farmácia também é utilizada por moradores das Ilhas de Djeta e Pecixe, muito isoladas.

Aula de matemática numa sala à céu aberto no bairro de Bétame (Canchungo 2014).

Bolanha no limite do Bairro Bétame (Canchungo, 2014).



Uma publicação de



A exemplo de toda a Guiné-Bissau, Cacheu é uma região da qual pouco se fala, a não ser para evocar o impacto das dificuldades políticas do país sobre o seu território. Quando não é totalmente ignorada, ela sofre com uma imagem geralmente negativa por parte das pessoas que não tiveram a oportunidade de visitá-la.

Entretanto, se evocamos o seu **dinamismo demográfico e económico**, a sua posição geográfica, na interseção entre o Oceano Atlântico e importantes centros urbanos litorâneos como Bissau e Ziguinchor, **a importância dos seus mangais, as ações da sua diáspora e, de modo mais amplo, da sua sociedade civil**, além da **capacidade de convivência pacífica dos seus habitantes** e a sua notória hospitalidade, não faltam, obviamente, recursos nesta região.

Imbuídos desta forte convicção e diante da **necessidade de mostrar um outro ponto de vista sobre a Região de Cacheu**, o Governo regional e o seu Gabinete de Planificação associaram-se ao Grdr no quadro do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Territorial da Região de Cacheu (PADETEC) para publicar a presente monografia.

Esta monografia é fruto de um trabalho conduzido em conjunto entre atores da sociedade civil e serviços regionais do Estado. Sem pretender ser exaustiva, ela tem o intuito de contribuir para uma **melhor visibilidade da Região de Cacheu** e servir como **base de informação** para os atores do desenvolvimento que nela intervêm.

Em parceria com o



Gabinete de Planificação de Cacheu  
REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU



9 791095 026051